

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**“ERA UM VEÍ UM CIDADE”, O SINTAGMA NOMINAL NA ESCRITA
DE JOVENS E ADULTOS: TENSÃO E CONFLITO NA COMPOSIÇÃO
DA SINTAXE DE CONCORDÂNCIA NOMINAL**

Eudes da Silva Santos

EUDES DA SILVA SANTOS

**“ERA UM VEÍ UM CIDADE”, O SINTAGMA NOMINAL NA ESCRITA
DE JOVENS E ADULTOS: TENSÃO E CONFLITO NA COMPOSIÇÃO
DA SINTAXE DE CONCORDÂNCIA NOMINAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira.

Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

Orientador: Prof. Dr. **Eduardo Calil de Oliveira**

Maceió – AL
2011

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale

- S237a Santos, Eudes da Silva.
“Era um veí um cidade”, o sintagma nominal na escrita de jovens e adultos: tensão e conflito na composição da sintaxe de concordância nominal / Eudes da Silva Santos. – 2011.
101 f. : il.
- Orientador: Eduardo Calil de Oliveira.
Dissertação (mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2011.
- Bibliografia: f. 84-85.***
Apêndices: f. 86-101.
1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Manuscrito escolar. 3. Língua portuguesa – concordância nominal. 4. Língua portuguesa – Sintagma nominal. I. Título.

CDU: 371.13

Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

“Era um veí um cidade”, o Sintagma Nominal na Escrita de Jovens e Adultos: tensão e conflito na composição da sintaxe de concordância nominal”

EUDES DA SILVA SANTOS

Dissertação submetida à banca examinadora, já referendada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 23 de março de 2011.

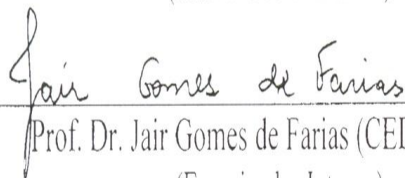
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Eduardo Calil de Oliveira
(orientador - CEDU-UFAL)



Prof. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima (UFRN)
(Examinadora Externa)



Prof. Dr. Jair Gomes de Farias (CEDU-UFAL)
(Examinador Interno)

A todos meus amigos, em especial aqueles
cuja amizade foi sendo tecida ao longo do
curso de mestrado, turma de 2008.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, professor Dr. Eduardo Calil, por ter me acompanhado durante esta fase da minha vida acadêmica, contribuindo significativamente para o meu desenvolvimento enquanto estudante, o que nunca deixamos de ser; pesquisador, caminho difícil, mas eu chego lá; e enquanto profissional. Obrigado Calil!

Agradeço aos meus pais, Niuma e Edilson, pelo incentivo, discreto, mas verdadeiro. A banca examinadora, professora Dr^a. Maria Hozanete Lima e professor Dr. Jair Gomes de Farias, pelas significativas contribuições na qualificação e na defesa da dissertação.

Agradeço a Professora e amiga Rita Souto Maior, pelas palavras sempre positivas, me incentivando e apoiando sempre.

Aos professores Adna Lopes, Aldir de Paula, Inês Matoso, Maria do Socorro e M^a Auxiliadora, pelo constante incentivo a seguir com meus estudos.

A todo o grupo de pesquisa ET&C: Aline, Lidiane, Janaina Paula, Joaceri, Frázio, Cyntia, Adriana Buarque e Janaina Lygia, ano de 2008.

A Gláucia, a Naila, a Marta e a Renata, amo vocês.

Ao Antônio, a Andréia, ao Lucas e a Natália, a diversão era com vocês, nossas saídas e discussões foram fundamentais, sem vocês, tudo seria mais difícil.

A Roseane e Eneida, amigas desde a especialização. Aos amigos Ana Lúcia, Ronaldo, Rosa e Teixeira, pelo apoio incondicional. Aos meus alunos, este estudo também foi feito por vocês.

A CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento da pesquisa.

Escrever nem uma coisa
Nem outra
A fim de dizer todas -
Ou, pelo menos, nenhuma.
Assim, Ao poeta faz bem Desexplicar -
Tanto quanto escurecer acende os
vagalumes.

Manoel de Barros

RESUMO

O “Sintagma Nominal” – SN – é uma categoria linguística que há muito se tem discutido por estudiosos de diversas vertentes. Analisamos, neste trabalho, especificamente, os “sintagmas nominais” com quebra na “Concordância Nominal” – CN – entre os constituintes que os formam. Acorado nos trabalhos de Calil (2004; 2007 e 2008) e Felipeto (2007), entre outros, ao discutir sobre as manifestações, “erros”, singulares ou não, da escrita de escolares, descrevemos e analisamos o “erro” que se dá, principalmente, na (falta de) concordância que ocorre no interior de um SN, como por exemplo, “uma vez”, que compõe a célebre expressão “era uma vez”, marco das aberturas dos contos de fada, como também, em “sintagmas nominais” que seguem tal expressão, os quais, possivelmente, sofreram interferência dela para a sua composição, como por exemplo, em “era um vez um menina” e “era um veí um cidade”. O “estranhamento” que estas composições nos causaram, além da quebra de concordância entre os constituintes desse tipo de “sintagma nominal”, alternado com a escrita de SNs estabilizados na língua, estende-se para o uso de “era uma vez” em contos de assombração, cujas aberturas não se assemelham a dos contos de fada. Sob o olhar da aquisição de linguagem escrita, tomamos este elemento, o “erro” de “concordância nominal” em SNs, como algo constitutivo do processo de ensino e aprendizagem de alunos Jovens e Adultos. A coleta dos dados teve como objetivo trabalhar a produção textual, através de “contos de assombração”, que foi feita a partir da criação de histórias pelos alunos, usando como estratégia didática, principalmente, a produção em dupla. Analisamos, para este trabalho, vinte manifestações de “sintagmas nominais” com quebra de concordância, de um *corpus* composto por 198 manuscritos de alunos do EJA, coletados durante o ano de 2005, em uma turma de 2ª fase, de uma escola municipal de ensino fundamental de Maceió – AL. Para tanto, assumimos as propostas de Lemos (1992; 1997; 2002 e 2006), entre outras, através do jogo que se dá entre o que ela intitula de processos metafórico e metonímico, como também aquilo que Calil & Felipeto (2008) dizem sobre o “erro” na análise de manuscritos de escolares em processo de aquisição de escrita, sejam no âmbito da fonologia, sintaxe, morfologia, entre outros. Corroborando com os trabalhos acima citados, os nossos resultados indicaram que o “erro” de concordância é constitutivo do processo de aquisição destes *scriptores*, já que nele identificamos, comandadas pelo funcionamento linguístico-discursivo da língua, marcas individuais, subjetivas de cada escrevente. As quais, provavelmente, contribuíram na/para a formação de “sintagmas nominais” com quebra na sua concordância.

Palavras-chave: Manuscrito escolar. Sintagma nominal. Concordância nominal. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The "Noun Phrase" - NP - is a linguistic category that has been much discussed by scholars of various strands. We analysed, in this study, specifically, the "noun phrase" with violations in "Nominal Concordance" -NC- between the constituents that made them. Anchored in the work of Calil (2004; 2007 and 2008) and Felipeto (2007), among others, to discuss about the manifestations, "errors", singular or not, from the writing in school. We described and analysed the "error" which occurs, mainly, in the (lack of) concordance that occurs within a NP, for example, "uma vez", composing the famous expression "era uma vez", mark of the openings from fairy tales, also, in the "noun phrase" that follows this expression, which possibly have been interfered with it in their composition, for example, in "era um vez um menina" and "era um veí um cidade". The strangeness that these compositions have caused us, beyond the violations of concordance between the constituents of this kind of "noun phrase", alternated with the writing of the NPs stabilized in the language, extends to the use of "era uma vez" in ghost tales, whose openings are not like fairy tales. Under the gaze of the acquisition of written language, we take this element, the "error" of "nominal concordance" in NPs, as something that constitutes the process of teaching and learning of young and adult's students. The collection of data aimed to work at the textual production, through the ghost tales, which was made from the creation of stories by students, using as a teaching strategy, especially the production in doubles. We analyzed, for this study. Twenty manifestations of "noun phrase" with the violation of concordance, a corpus of 198 (one hundred and ninety eight) manuscripts from students of EJA, during the year of 2005 in a class of 2nd phase from a municipal school in an elementary school of Maceio – AL. For this, we assume the proposals of Lemos (1992; 1997; 2002 and 2006), among others, through play that occurs between the processes that is entitled as a metaphoric and metonymic, but also that what Calil & Felipeto (2008) say about the "error" in the analysis of manuscripts of students in the acquisition process of writing, either within the phonology, syntax, morphology, among others. Corroborating with the studies mentioned above, our results indicated that the "error" of concordance is constitutive in the process of acquiring these scripts, we identified, as commanded by the operation of linguistic-discursive of the language, individual marks, each subjected by its writer. This probably contributed in/for the formation of the "noun phrase" that violated the concordance.

Keywords: School manuscript. Noun phrase. Nominal concordance. Education of Young and Adult's Students.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sintagma Verbal.....	16
Tabela 2 – Sintagma Adjetival.....	17
Tabela 3 – Sintagma Adverbial.....	17
Tabela 4 – Sintagma Preposicional.....	17
Tabela 5 – Determinantes quanto as suas funções.....	19
Tabela 6 – Funções de elementos que podem formar SN.....	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SN – Sintagma Nominal.

SNs – Sintagmas Nominais.

CN – Concordância Nominal.

CV – Concordância Verbal.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

CLG – Curso de Linguística Geral.

SAdj – Sintagma Adjetival.

SAdv – Sintagma Adverbial.

SPrep – Sintagma Preposicional.

Det – Determinante.

Poss – Possessivo.

Ref – Reforço.

Qf – Quantificador.

PNE – Pré-Núcleo Externo.

PNI – Pré-Núcleo Interno.

SUMÁRIO

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS.....	11
1 O “SINTAGMA NOMINAL”: LUGAR DE INSCRIÇÃO DO SUJEITO NA LÍNGUA.....	13
1.1 O “sintagma”: seu escopo e suas funções.....	14
1.1.1 Tipos de “sintagmas”.....	15
1.1.2 O “sintagma nominal”.....	18
1.1.2.1 Na gramática.....	18
1.1.2.1.1 “Sintagmas nominais” e determinantes.....	18
1.1.2.1.2 “sintagma nominal” e referenciação.....	19
1.1.2.2 Na linguística.....	21
1.1.2.2.1 O “sintagma nominal” em Perini.....	21
1.1.3 “Sintagma nominal” e “concordância nominal”: relações e diferenças.....	22
2 A LÍNGUA EM FOCO.....	27
2.1 A(s) im(possibilidade(s) da língua: o lugar do “equivoco”	27
2.2 Sobre os processos metafórico e metonímico.....	30
2.3 O Trabalho com manuscritos escolares.....	34
3 CAMINHOS TRILHADOS: DOS “CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO” AO “SINTAGMA NOMINAL”	43
3.1 Projeto didático “contos de assombração”	43
3.1.1 projeto didático “contos de assombração”: o desenvolvimento.....	43
3.1.2 As propostas de produção e os manuscritos escolares.....	45
3.2 Sintagma nominal e concordância nominal: a escolha das categorias... 	50
4 MANUSCRITO VS “SCRIPTOR”: O CONFRONTO ENTRE A CANETA E O PAPEL.....	51
5 CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS.....	82
ANEXOS.....	84

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Neste trabalho, ancorar-nos-emos na categoria linguística “Sintagma Nominal” – SN – para refletir sobre a escrita de alunos jovens e adultos em processo de aquisição de escrita, ou melhor, descreveremos e analisaremos, especificamente, “sintagmas nominais” com “problemas” de “Concordância Nominal” – CN – de gênero em sua composição¹, ou que sejam “malformados”, sem necessariamente relacionar-se com a questão de gênero gramatical.

A “Concordância Nominal” é uma categoria linguística estudada por pesquisadores de diferentes perspectivas. É uma das categorias, juntamente com a “concordância verbal” – CV –, cujas regras são difíceis de serem simbolizadas pelos sujeitos. Não somente crianças e/ou adultos em processo de aquisição de linguagem oral e/ou escrita tendem a “derrapar” no uso de regras de concordância da língua, mas também adultos escolarizados, às vezes, com formação superior, cometem deslizos no uso do sistema linguístico (PERES & MÓIA, 1995).

Gramáticos como (Almeida (2005), Bechara (2009) e Cunha & Cintra (2001)) e linguistas que assumem diferentes perspectivas teóricas, por exemplo, (Perini (2006, 2007 e 2008) e Sautchuck (2010)) contribuíram para o estudo destas categorias, “sintagma nominal” e “concordância nominal”. Contudo, os estudos sobre suas formas de manifestação em “manuscritos” escolares ainda são em pequeno número, sobretudo se consideramos aqueles escritos por alunos de Educação de Jovens e Adultos em processo de aquisição de escrita.

O levantamento destas estruturas foi feito a partir de um *corpus* composto por 198 “manuscritos” (histórias inventadas) de alunos recém-alfabetizados do EJA. Observando os “manuscritos²”, interrogados sobre fenômeno da quebra na sintaxe da escrita de escolares, baseados na leitura de Calil (2004), atentamos para algo curioso, a repetição de “sintagmas nominais” cujo seus constituintes não concordavam entre si. Particularmente, esta quebra de concordância ocorreu com

¹ Este estudo faz parte do projeto de pesquisa “Alteridade e singularidade em manuscritos escolares”, financiado pelo CNPq e coordenado pelo pesquisador Eduardo Calil, que tem como objetivo geral refletir sobre a relação sujeito, língua e texto a partir de diferentes processos de escritura.

² O termo “manuscrito”, como também “*scriptor*”, este usado posteriormente, são aqui utilizados nos moldes de Calil (2008), fazendo alusão aos estudos vinculados a Crítica Genética. Para ele, os textos produzidos na escola têm estatuto parecido com aqueles analisados pela Crítica Genética, por exemplo, poemas ainda não publicados, “manuscritos” que ainda não sofreram nenhuma manipulação para serem publicados.

mais frequência na composição da clássica fórmula dos contos de fada “era uma vez”.

Apesar de ser uma estrutura cristalizada nas histórias que permeiam o universo ficcional dos “contos de fada”, “era uma vez” apareceu nos manuscritos analisados, “contos de assombração”. O “sintagma nominal” “uma vez”, de “era uma vez”, surgiu sobe diferentes formas significantes, como por exemplo: “um vez”; o que nos permitiu fazer a seguinte interrogação: o que acontece com sujeitos alfabetizados que faz com que eles desestabilizem a estrutura cristalizada “era uma vez”, das tradicionais histórias infantis?

O material foi coletado no ano de 2005, a partir de um projeto didático envolvendo o gênero textual “conto de assombração”, realizado junto aos alunos de uma escola municipal da cidade de Maceió³. Ressaltamos que, como veremos em detalhes no capítulo da metodologia, amparados pelos PCN, o uso de projeto didático é prática frequente do nosso grupo de pesquisa, que parte de uma proposta de imersão de um gênero textual em uma sala de aula, tendo como intuito contribuir com o processo de criação dos alunos.

A escolha deste gênero textual deu-se pelo interesse que pode trazer para os alunos, e por também acreditarmos na importância de criar um contexto de imersão neste universo ficcional, através de leituras feitas pelo professor, “causos” contados pelos alunos ou contadores de histórias, filmes previamente selecionados, criando-se assim boas condições para as práticas de textualização. Os contos escritos foram trabalhados a partir dos “causos”, das reescritas de histórias tradicionais, descrição de personagens conhecidos e criação de histórias pelos alunos, usando como estratégia didática, principalmente, a produção em dupla. Detivemo-nos somente nas histórias inventadas.

Segundo os pesquisadores responsáveis pelo projeto na escola, era importante que os textos (re)escritos, antes de serem produzidos, tivessem sido trabalhados pelo professor até que os alunos os dominassem de memória. Sugeriram, assim, que atividades de reconto com apoio, ou reconto coletivo, fossem realizadas, especialmente, com as histórias que seriam trabalhadas posteriormente nas (re)escritas.

³ Esse material compõe o acervo “Práticas de Textualização na Escola”, pertencente ao projeto “Manuscritos Escolares e Processo de Escrita”, coordenado pelo professor Dr. Eduardo Calil (UFAL) e financiado pelo CNPq (processo nº 304029).

Para discorrermos sobre o processo de aquisição da escrita de jovens e adultos, através da análise de “sintagmas nominais” com “problemas” de “concordância nominal”, estruturamos esta dissertação em quatro capítulos. No primeiro capítulo, expomos o olhar da gramática e da linguística sobre as categorias “sintagma nominal” e “concordância nominal”; no segundo, apresentamos pressupostos teóricos que inspiraram a análise, a saber: “língua”, “*alíngua*”, “equivoco”, “processos metafórico e metonímico”, entre outros. Porém, acreditamos que o nosso olhar sobre o dado, “erro de concordância nominal”, conjumina com os estudos desenvolvidos sobre análise de manuscritos escolares realizados por pesquisadores em aquisição de escrita do grupo ET&C; Já no terceiro, apresentamos o projeto didático que subsidiou a coleta dos dados, como também, discutimos, de forma breve, a escolha dos dados para análise. E por fim, no quarto capítulo, apresentamos os enunciados que trazem quebra de “concordância nominal” em “sintagmas nominais”, principalmente na composição da fórmula “era uma vez”. Finalmente, na conclusão, retomamos a discussão, evidenciando a relação do sujeito, adulto, com a sua escrita, atravessada pelo funcionamento linguístico-discursivo da língua.

1 O “SINTAGMA NOMINAL”: LUGAR DE INSCRIÇÃO DO SUJEITO NA LÍNGUA.

Este capítulo foi reservado para que apresentemos a categoria linguística “sintagma nominal”, com o propósito de entender qual o tratamento dado pela gramática e linguística a esta categoria. A relevância deste capítulo é pelo fato de ser o “sintagma nominal”, com problemas de concordância, objeto de nosso estudo, sendo assim, faz-se necessário (re)conhecer o que se prescreve/descreve sobre esta classe. Para tanto, analisamos as obras de alguns estudiosos, a saber: (Cunha & Cintra (2001), Almeida (2008), Azeredo (2008) e Bechara (2009), Perini (2006; 2007 e 2008) e Dubois (2006)), porém, vale ressaltar que, dos gramáticos, apenas Azeredo (2008) foi quem nos propiciou uma discussão sobre o “sintagma”, sendo assim, ao tratarmos de gramática, referir-nos-emos a sua obra.

1.1 O “sintagma”: seu escopo e suas funções

Tomaremos, inicialmente, as palavras de Saussure, no Curso de Linguística Geral – CLG –, para discorrer sobre o conceito de “sintagma” e as várias possibilidades de manifestação. Segundo o linguista genebrino, o “sintagma”, necessariamente, apresenta relações entre seus elementos, pois “em um estado de língua, tudo se baseia em relações,” quer sejam sintagmáticas, quer sejam associativas⁴.

No discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas. O sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo: reler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos). Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. (SAUSSURE, 2006, p.142)

Nesta mesma direção, Saussure (2006, p.144) ainda afirma que “a noção de ‘sintagma’ se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frases, frases inteiras)”.

Um ponto a destacar, entre tantos, nas reflexões saussurianas, é quando ele expõe que:

No domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual. Num grande número de casos, é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores concorreram para produzi-la e em proporções impossíveis de determinar. (SAUSSURE, 2006, p. 145)

Esta exposição saussuriana permitiu-nos pensar sobre a composição dos “sintagmas”, já que, como afirma o autor, nem sempre se consegue distinguir a ação da língua, coletiva, de um “fato de fala, individual”, sendo difícil prever as

⁴ Discutiremos sobre o que Saussure expõe sobre essas relações no capítulo teórico.

possibilidades de combinações de constituintes para a formação de um “sintagma”, tal como transparece em nossos dados.

É em conformidade com Saussure (2006) que Dubois (2006) também descreverá a categoria linguística “sintagma”. Para ele:

Em linguística estrutural, chama-se sintagma um grupo de elementos linguísticos que formam uma unidade numa organização hierarquizada. O termo sintagma é seguido de um qualificativo que define sua categoria gramatical (nominal, verbal, adjetival, preposicional, etc.). O sintagma é sempre constituído de uma cadeia de elementos e ele próprio é um constituinte de uma unidade de nível superior; é uma unidade linguística de nível intermediário. (DUBOIS, 2006. p. 557-558)

Assim, entendemos que o “sintagma” está intrinsecamente ligado à organização estrutural da língua, é nele e por ele, que a língua se organiza. Palavras, frases, orações, períodos, textos ganham sentidos pelas combinações de “sintagmas”. Se o “sintagma” for “malformado”, além de haver uma quebra na sintaxe, referindo-nos à falta de “concordância nominal”, por exemplo, haverá também uma quebra no sentido pretendido. Tal como vimos acima, Saussure e Dubois, ao falar de “sintagma”, dizem, respectivamente, “o ‘sintagma’ se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas” e que “chama-se ‘sintagma’ um grupo de elementos linguísticos que formam uma unidade numa organização hierarquizada”. Assim, para estes autores, para ser chamado de “sintagma”, um elemento de língua não pode fugir à hierarquia pré-estabelecida pela língua.

1.1.1 Tipos de “sintagmas”

Nesta parte do capítulo, elencaremos, segundo a “Gramática Houaiss da Língua Portuguesa”, de Azeredo, as várias funções e possibilidades dos “sintagmas”. Já que, conforme Dubois (2006), os “sintagmas” são caracterizados pelas palavras que os seguem, denominadas por ele de “qualificativos”. Assim, os “sintagmas” se distribuem em classes, em função da posição que ocupam diretamente na oração ou em outros “sintagmas” mais amplos. Eles podem ser: “sintagma nominal” (SN), “sintagma verbal” (SV), “sintagma adjetival” (Sadj),

“sintagma adverbial” (SAdv) e “sintagma preposicional” (SPrep). (AZEREDO, 2008, p.148)

Vejamos, antes de apresentarmos as várias possibilidades assumidas por um “sintagma”, segundo Azeredo (2008), que esta gramática elimina, não trata do/sobre “sintagma” como podendo ser, além de uma palavra, conjunto de palavras, frases etc; parte que compõe a palavra. Referimo-nos aqui a morfologia, por exemplo, como no exemplo visto acima, dado por Saussure, sobre o uso do prefixo “re”, enquanto um “sintagma”, no processo de formação da palavra “reler”.

Apresentaremos agora, em tabela, as várias formas e funções que, segundo Azeredo (2008), o “sintagma” pode assumir.

Tabela 1 - “SINTAGMA VERBAL” - Base da estrutura oracional.

“SINTAGMA NOMINAL”	“SINTAGMA VERBAL”
João	viajou.
João	vendeu seu carro.
João	estava em casa.
João	estava tranquilo.
João	estava viajando.
João	deixou a cidade.
João	deixou os documentos no carro.
João	deixou o cachorro fugir.
João	deixou dinheiro para as compras.

Fonte: AZEREDO, 2008.

Tabela 2 - “SINTAGMA ADJETIVAL” - Tem por núcleo um adjetivo, podendo ser constituinte de um SV ou de um SN.

“SINTAGMA NOMINAL”	“SINTAGMA VERBAL”
João	estava tranquilo.
_____	“SINTAGMA ADJETIVAL”
_____	tranquilo.

Fonte: AZEREDO, 2008.

Tabela 3 - “SINTAGMA ADVERBIAL” - tem por núcleo um advérbio, a sua construção se assemelha à do “sintagma adjetival”.

“SINTAGMA NOMINAL”	“SINTAGMA VERBAL”
João	acordou cedo.
_____	“SINTAGMA ADVERBIAL”
_____	cedo.

Fonte: AZEREDO, 2008.

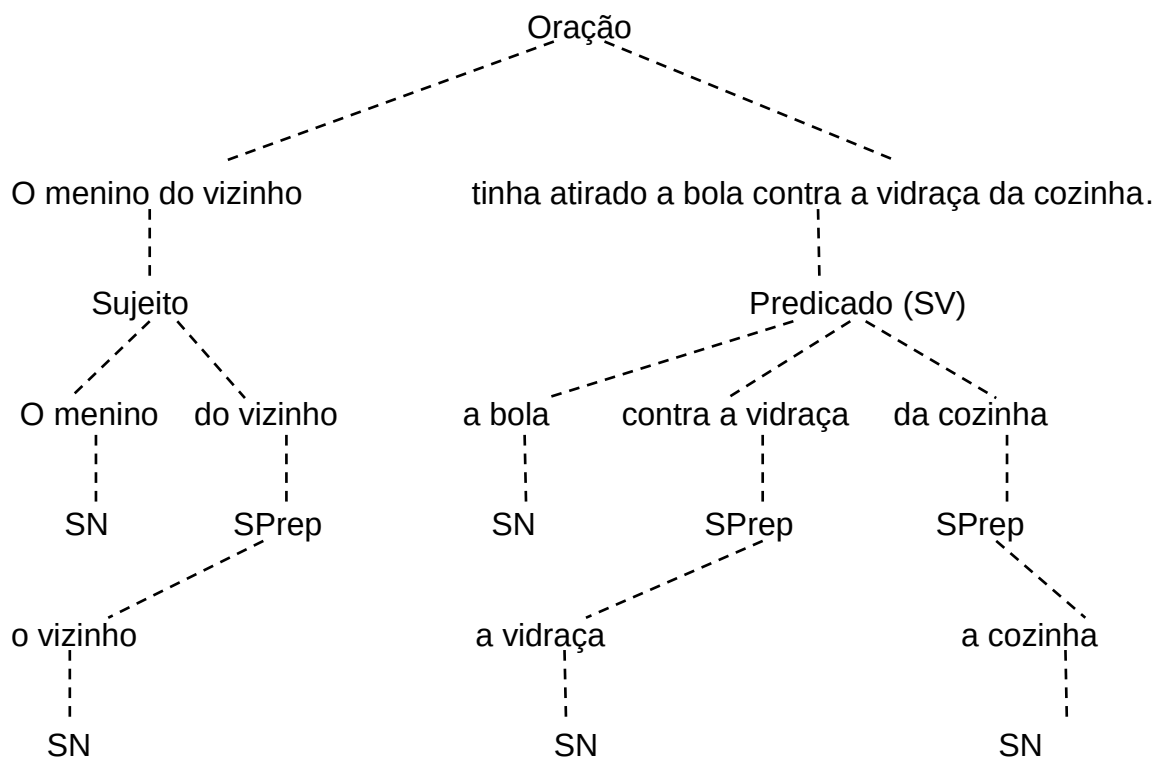
Tabela 4 - “SINTAGMA PREPOSICIONAL” - consiste na união de uma preposição mais um “sintagma nominal”.

“SINTAGMA NOMINAL”	“SINTAGMA VERBAL”
Este vinho	é do Chile.
_____	“SINTAGMA PREPOSICIONAL”
_____	do Chile.

Fonte: AZEREDO, 2008.

Outro exemplo para enfatizar as várias formas e posições que um “sintagma” pode ocupar em uma oração.

Exemplo: O menino do vizinho tinha atirado a bola contra a vidraça da cozinha.



Das várias possibilidades de formação de um “sintagma”, a que nos interessa é a do “sintagma nominal”, pois é a partir dele que analisaremos como ocorre a concordância entre os seus constituintes. Na subseção seguinte descrevemos o que a prescrição/descrição, gramática e linguística, expõe sobre as categorias linguísticas “sintagma nominal” e “concordância nominal”.

1.1.2 O “sintagma nominal”

A categoria linguística “sintagma nominal” está presente na maioria dos estudos descritivos e/ou prescritivos da língua portuguesa. Entre eles, consideraremos os trabalhos do linguista Mário Perini (2006; 2007 e 2008), e especificamente do gramático Azeredo (2008), em razão da posição de destaque que ocupam na literatura especializada. Estes autores, como todos aqueles que assumem o funcionamento de uma língua estabilizada, analisam as construções sintáticas regulares e sistemáticas.

1.1.2.1 Na gramática

1.1.2.1.1 “Sintagmas nominais” e determinantes

O artigo definido, tal como o indefinido compreendem o que em linguística é chamado de determinantes, ou seja, palavras que antecedem o substantivo na formação dos “sintagmas”.

As noções expressas pelos determinantes formam conjuntos restritos de oposições e não se referem a entidades estáveis no “mundo das coisas”, mas a informações apreendidas na situação discursiva ou no espaço do texto. Muitos desses determinantes apresentam forma variável para adaptar o gênero (masculino/feminino) e ao número (singular e plural) do nome que acompanham. A importância deles está, porém, nos papéis semântico-textuais que desempenham na construção da referência operada pelo sintagma nominal. (AZEREDO, 2008, p.134)

Segundo Azeredo (2008), artigos definidos e indefinidos; pronomes possessivos e demonstrativos; pronomes definidos e indefinidos; alguns adjetivos que sofrem um processo de gramaticalização, numerais cardinais e ordinais formam a classe dos determinantes, os quais, variáveis em número e gênero para se adequar ao núcleo do SN, têm funções discursivo-textuais dos seguintes traços:

Tabela 1 - "DETERMINANTES QUANTO AS SUAS FUNÇÕES".

DÊITICO	Informa que o que o SN designa tem relação com as pessoas do discurso: este livro, minha roupa, aquela árvore.
IDENTIFICADOR	Informa que o conceito, objeto ou ser designado pelo substantivo é conhecido do interlocutor ou faz parte da situação comunicativa.
VINCULATIVO	Informa que a relação dêitica é também uma relação de 'vínculo, participação, envolvimento': minha escola, nossa chegada, minha dúvida.
REMISSIVO	Informa que o conceito, objeto ou ser designado pelo SN é conhecido do interlocutor ou faz parte da situação comunicativa ou do texto: o cachorro.
FOCALIZADOR	Confere ao SN relevância especial na sua relação com o restante do enunciado: Denunciou o próprio filho.
INDEFINIDO	Informa que o que o SN designa tem uma referência imprecisa: algum amigo, certas palavras, várias joias.
QUANTIFICADOR	Representa a quantidade massiva ou enumerável, ou ainda a posição numa escala, do conceito expresso pelo substantivo: pouca água, alguns soldados, dez tijolos, quinto dia.
INTERROGATIVO	Informa que algum aspecto do que o substantivo nomeia é objeto de uma pergunta/dúvida: não sei quantos dias faltam.

Fonte: AZEREDO, 2008.

1.1.2.1.2 "sintagma nominal" e referenciação.

Azeredo (2008, p. 238) diz que utilizamos "sintagmas nominais" "para designar parcelas de nossa experiência de mundo concebidas como unidades reais ou imaginárias, naturais ou culturais, únicas ou genéricas, concretas ou abstratas". Frágil citação que generaliza o uso do "sintagma nominal" e não explica de maneira satisfatória o seu uso.

Um dado objeto do mundo real ou imaginário pode, portanto, ser designado por uma infinita variedade de representações, segundo as relações do enunciador com esse objeto e segundo as motivações e as necessidades ou peculiaridades comunicativas do evento discursivo

- e do texto – em questão. A seleção dos elementos formadores do sintagma nominal obedece, assim, à necessidade de tornar o conteúdo referenciado por meio dele acessível ao interlocutor. A isto damos o nome de referenciação. (AZEREDO, 2008, p.239)

Embora saibamos que o objetivo deste tipo de texto não se refere a construções da língua não sistemáticas, pensemos na citação acima, especificamente na parte em que o autor expõe sobre o fato de os elementos de um “sintagma nominal” serem pensados pela necessidade de tornar compreensível o conteúdo ao interlocutor, comparemo-los com os dados deste trabalho, e veremos que os “sintagmas nominais” que analisamos parecem estar mais voltados para a proferição de algo da subjetividade daquele que escreve, mesmo que, às vezes, seja difícil de compreender. Vejamos abaixo um enunciado com exemplos de “sintagmas” bem formados que fazem referência a “coisas” diversas, tal como descritos por Azeredo (2008).

“O pitbull Neném nunca ferira ninguém até ontem, quando atacou seus donos, em Jacarepaguá. Eles chamaram os bombeiros, mas os vizinhos decidiram linchar o cachorro a golpes de barra de ferro.” (O GLOBO, 30/5/2006)

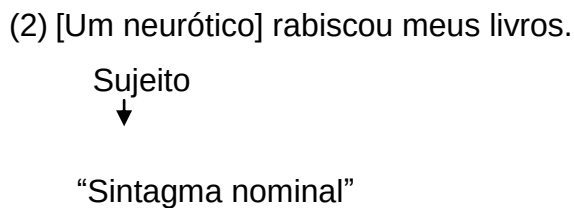
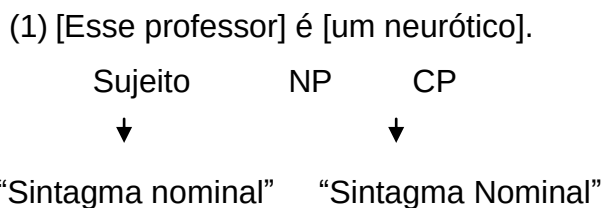
Neste exemplo, Azeredo destaca os SNs que fazem referência a entidades únicas e inconfundíveis, “O pitbull [Neném] e Jacarepaguá”, que têm uma referência constante; e os SNs que referenciam entidades expressas no texto, “seus donos” quer dizer donos do pitbull, e “os vizinhos”, vizinhos dos donos do pitbull; como também SNs que fazem referência, por meio de substituição, a SNs já ditos no texto, “Eles” e “o cachorro”, entre outros.

Ainda discorrendo sobre as formas de referenciação entre “sintagmas nominais”, o autor destaca o artigo definido como sendo um típico recurso de vinculação da informação nova a alguma informação já disponível para o interlocutor (função equivalente à de eles), seja na sua memória (os bombeiros), seja em um ponto anterior do texto (o cachorro).

1.1.2.2 Na lingüística

1.1.2.2.1 O “sintagma nominal” em Perini

Perini (2007), em sua “Gramática descritiva do português”, na seção 4, mostra que o SN pode estar na posição de sujeito, como também complemento do predicado, que por sua vez pode ser sujeito de outra oração, ou seja, “sintagma nominal”, seguindo a definição do autor, é todo “sintagma” que ocupa ou pode ocupar a posição de sujeito. Vejamos alguns exemplos:⁵



Para análise dos SNs, Perini (2007) elenca dois tipos de estruturas que se juntam a um “nominal⁶”, aquelas que compõem a área à esquerda (elementos precedentes ao núcleo) e aquelas que compõem a direita (engloba o núcleo mais os elementos que seguem). Deter-nos-emos nos elementos que compõem a área à esquerda, já que é nesta área que se encontram os artigos, elementos que parecem vir causando problemas de “concordância nominal” em SNs da escrita de alunos do EJA.

Perini, diferente do gramático utilizado acima, propõe uma descrição mais apurada sobre a composição do SN. Sendo assim, depois de examinar SNs de diferentes formações conclui que a área esquerda compreende seis posições fixas e quatro posições variáveis. Aqui, nos prenderemos nas fixas, em que se encaixam os determinantes, e que definem seis funções, denominadas (na ordem em que ocorrem no “sintagma”): Determinante (Det.), Possessivo (Poss.), Reforço (Ref.)

⁵ Os exemplos foram retirados de Perini (2007, p.92).

⁶ Nomenclatura utilizada por Perini.

Quantificador (Qf.), Pré-núcleo Externo (PNE) e Pré-Núcleo Interno (PNI). Funções, aqui, faz referência ao papel estritamente sintático definido por estes elementos, diferentemente de Azeredo (2008), que tentou focalizar a função textual-discursiva que estes elementos podem assumir em relação a outros elementos do texto, incluindo todos estes elementos como sendo “determinantes”. Diferentemente, Perini (2007) apenas nomeia de “determinantes” os artigos (definidos e indefinidos) e os pronomes (demonstrativos e indefinidos).

Reforçamos, devido à formação dos SNs que compõem os dados analisados, que nossa preocupação é com os SNs constituídos por determinante mais um nome, sendo aquele, geralmente, o primeiro elemento de um sintagma.

Tabela 2 - "Funções de elementos que podem forma SN

FUNÇÃO	ITENS QUE PODEM DESEMPENHÁ-LA
Determinante	o, este, esse, aquele, algum, nenhum, um.
Possessivo	meu, seu, nosso etc.
Reforço	mesmo, próprio, certo.
Quantificador	poucos, vários, diversos, muitos, único, primeiro etc.
Pré-núcleo externo	mero, pretendo, meio, suposto, reles, inesquecível, ilusório, simples, bom, velho, novo.
Pré-núcleo interno	mau, novo, velho, claro, grande.

Fonte: PERINI 2007, p.99.

1.1.3 “Sintagma nominal” e “concordância nominal”: relações e diferenças

Nesta parte, procuramos relacionar o ponto de vista da gramática sobre a categoria linguística “concordância nominal” e sua relação com a categoria “sintagma nominal”. Para tanto, iniciaremos com que Napoleão Mendes de Almeida propõe em sua “Gramática Metódica da Língua Portuguesa”. Tal autor trata a concordância como sendo parte de um processo sintático, cujos elementos se adequam a um núcleo. Na “concordância nominal”, são os adjetivos, os pronomes, os numerais e os artigos que têm que se adequar aos substantivos.

Almeida (2008, p.441) diz que “concordância é o processo sintático pelo qual a palavra se acomoda, na sua flexão, com a flexão de outras palavras de que depende. Essa acomodação flexional pode efetuar-se quanto ao gênero, número e

pessoa.”. Por exemplo, em relação à concordância do adjetivo⁷ com o substantivo, o autor afirma que, seja adjunto adnominal, seja predicativo, anteposto ou posposto, ele deve concordar em gênero e número com o substantivo (ALMEIDA, 2008, p.456),

Exemplo de CN (determinante + substantivo):

artigo	subst.
O	menino
masc. sing.	masc. sing.

Das regras prescritas por Almeida (2008), destacamos o que ele denomina de “concordância irregular ou figurativa”, ou como mais conhecida nas gramáticas normativas, “silepse”, isto é, “a [CN] que se opera não com o termo expresso, mas com outro termo latente, ou seja, é oculto, mentalmente subentendido.” Ela pode ser chamada também, conforme o autor, de “concordância: semiótica, lógica, latente, anormal, mental, nomes que denotam operar-se a concordância não com a letra, mas com o espírito, com a ideia da frase.” (ALMEIDA, 2008, p.462)

A “silepse” pode ser de gênero, de número e de pessoa. Aquela que nos interessa destacar aqui é a de gênero, uma vez que há ocorrências semelhantes em nossos dados. Para o autor, a “silepse” de gênero ocorre em cinco casos:

a) com nomes próprios de rios e cidades, concordando o adjetivo não com o substantivo próprio em si, expresso na frase, mas com o apelativo dessas classes.

Exemplo:

“O Paraíba é tortuoso” (rio)
 masc. ↘ masc.

“Cartago foi destruída” (cidade)
 Fem. ↘ Fem.

⁷ Para Almeida, com o intuito de facilitar a exposição, ele incluiu os artigos e os numerais entre os adjetivos nas regras de “concordância nominal”.

b) Nas expressões de tratamento (vossa senhoria, vossa mercê, vossa alteza, sua excelência, sua majestade etc.), em que a concordância se opera não com o gênero dessas expressões, mas com o sexo ou com a natureza do cargo da pessoa a que essas expressões são dirigidas.

Exemplo:

“Vossa majestade é poderosO” (rei)
 masc. ↘ masc.

“Vossa alteza é bondosO” (príncipe)
 masc. ↘ masc.

c) Com os artigos “o” e “um”, quando, em certas frases já consagradas, constituem atributivos de nomes femininos que se referem à pessoa de sexo masculino:

Exemplo:

“Pedro é um criança.”
 masc. ↙ fem.

“O besta do Antônio.”
 fem. masc.
 └──────────┘ ↗

d) Em casos em que o pronome concorda não com o gênero da palavra expressa, mas com o sexo da pessoa a que a palavra se refere.

Exemplo:

“Conheci uma **criança**... mimos e castigos pouco podiam com **ele**...”.

e) Em preenchimentos de fichas cadastrais, como por exemplo, ao responder sobre a nacionalidade: brasileiro será a resposta do homem, brasileira a da mulher.

Feitas essas observações sobre a “concordância nominal”, busquemos relacioná-las com o sintagma nominal, já que há dentro de um SN relação de “concordância nominal” entre as suas partes. Essa relação, segundo (Perini, 2007, p.196) dá-se pela exigência de os constituintes que formam o SN terem que estabelecer uma “harmonização de flexões” entre eles. É essa conformidade que vai dizer se há concordância ou não entre os “elementos nominais”. É por meio do que Perini (2007) chamou de “traços⁸” de gênero e número em SNs que a “concordância nominal” irá realizar-se.

O gênero se manifesta de duas maneiras distintas: ou como propriedade inerente a um item léxico (blusa **é feminino**), ou como variação flexional (meu **está no masculino**, ou ainda **é o masculino de minha**). Essa oposição recobre, grosso modo, a distinção tradicional entre “substantivos” e “adjetivos”: os primeiros **possuem** gênero, os segundos **variam** em gênero. (...) quando não há divergência de gênero e número entre os constituintes imediatos de um SN, esses traços passam ao SN. (PERINI, 2007, p.183)

Perini (2007, p.194) diz que “a ‘concordância nominal’, é assim chamada porque estabelece uma relação morfológica entre elementos tradicionalmente chamados ‘nomes’”. Uma das propriedades da “concordância nominal”, a que aqui nos interessa, é a de, através de “traços”, poder estabelecer a concordância entre termos do “sintagma nominal”, ou seja, “a ‘concordância nominal’ dentro do SN se entende tradicionalmente como um processo que adequa a flexão de certos componentes do SN a traços do núcleo.” (PERINI, 2007, p.195)

Exemplos:

1. Essa mesa nova.
2. Esses livros novos.
3. *Essa livro novas.

Os dois primeiros exemplos, 1 e 2, evidenciam o núcleo do SN como sendo o controlador das regras de “concordância nominal” dentro do “sintagma nominal”, ou como coloca Perini (2007, p.196) “o núcleo do SN tem o *status* especial de cabeça

⁸ Propriedade de um elemento linguístico, que o caracteriza. (HOUAISS, 2001)

do SN”, que faz com que os demais elementos que o compõe adotem a sua flexão de gênero e número. Ainda Segundo Perini (2007, p.196), entre os constituintes de um SN, não necessariamente tem que haver concordância, mas o que não pode haver entre eles é discordância, pois segundo o autor, “há constituintes de SNs que não são capazes, em virtude de sua composição morfológica ou sintática, de mostrar flexão de gênero ou de número”. Como é o caso de “cada”, forma invariável, no exemplo abaixo.

Exemplo:

Cada livro de literatura brasileira.

Assim exposto, o “sintagma nominal” tem a função, em língua portuguesa, de composição/formação, como no processo de formação de palavra; de união em uma cadeia, como por exemplo, em palavras, “conjunto de palavras”, frases, orações etc. Não é sua característica estabelecer relações sintáticas de gênero e número entre as suas partes; ficando isto sob a “tutela” de leis da língua que comandam/estabelecem marcas distintivas que fazem as partes de um “sintagma nominal” concordar entre si, a isto chamamos concordância.

2 A LÍNGUA EM FOCO

Neste capítulo, discutiremos pressupostos teóricos de Jean-Claude Milner, em seu livro “O amor da língua”. Em específico, para expor aquilo que ele intitula de “equivoco”, como também sobre o que denomina de (im)possibilidades da língua. Porém, para entendermos o “equivoco” e a(s) (im)possibilidade(s) da língua, é essencial compreendermos primeiro a discussão que o autor realiza sobre o conceito de língua, objeto da ciência linguística; e o que é adotado por ele, influenciado diretamente por uma visão psicanalítica da linguística.

É necessário também trazermos para este capítulo, uma reflexão, mesmo que de forma rápida, sobre algumas discussões dos trabalhos de Lemos sobre o processo de aquisição de linguagem por crianças. Estes trabalhos são/foram de fundamental importância para pesquisadores da área, que embora tenham avançado com/nas discussões propostas pela autora, consideram a relevância do trabalho dela.

Realizaremos também uma revisão da literatura de trabalhos do grupo de pesquisa Escrita Texto e Criação – ET&C –, Calil (2004) e Felipeto (2007), entre outros, com o propósito de discutir o que eles dizem, a partir de análises de manuscritos escolares, sobre o processo de aquisição de linguagem escrita.

Embora estas pesquisas, em sua maioria, estejam relacionadas à aquisição de língua escrita de crianças, abre possibilidade de análise para que entendamos de que forma ocorre a aquisição de escrita por jovens e adultos.

Enfim, é com base nas reflexões sobre língua, processo de escritura, aquisição de linguagem escrita, análise de manuscritos, entre outras, que pretendemos subsidiar a análise dos dados.

2.1 A(s) im(possibilidade(s) da língua: o lugar do “equivoco”

Para teorizar sobre língua, Milner (1987) partirá da definição de língua sem contradição, aquela que forma uma classe consistente, conceito de língua adotado pela linguística desde a sua fundação; contrastando com o utilizado por ele, que vê a

língua como inconsistente, já que não consegue ser apreendida em um “Todo”, pois há sempre algo que escapa.

O conceito de língua⁹ adotado pelos linguistas foi cunhado por Saussure no CLG, almejando que a “Linguística” ganhasse estatuto de ciência¹⁰, portanto, tinha que se adequar ao modelo de ciência vigente à época, e assim, eleger um único objeto, a língua, e moldá-lo com base em algumas características: ser da ordem do calculável, para tanto, deveria abolir tudo que não fizesse parte desta ordem; tornar este objeto representável para o cálculo; desconsiderar o sujeito falante, ou melhor, usá-lo somente como um suporte para o calculável, criando-se assim um “real¹¹ da ordem do calculável” (MILNER, 1987, p. 07).

A língua dos linguistas: uma representação matematizável não saberia em nenhum caso afetar o ser que suporta, e, de resto, a língua como dejetto da ciência se sustenta justamente do fato de não ser falada por ninguém cujo ser seria especificável. Não pode ser também a linguagem¹²: atributo essencial do gênero humano, supõe um ser anterior que ela contribui a especificar como Homem. Como a própria filosofia de onde ela deriva, ela repete a disjunção do ser com suas propriedades (MILNER, 1987, p.61).

Na tentativa desta homogeneização descarta-se tudo aquilo que pudesse impedir os planos da constituição deste real calculável: que “as línguas não formam uma classe consistente”, “uma língua não idêntica a ela mesma”, “uma língua pode cessar de ser estratificada”, “uma língua¹³ não é isotópica”. Então, tudo que faz transparecer a *alíngua*, isto é, aquilo que em toda língua a “consagra ao equívoco”.

⁹ “Núcleo que, em cada uma das línguas, suporta sua unicidade e sua distinção; ela não poderá representar-se do lado da substância, indefinidamente sobrecarregada de acidentes diversos, mas somente como uma forma, invariante através de sua atualização, visto que ela é definida em termo de relações.” (MILNER, 1987, p.12)

¹⁰ “A linguística será científica se, e somente se, ela define a língua como um sistema de signos; todas as operações necessárias à ciência devem ser deduzidas deste princípio, e somente as operações deduzidas deste princípio são admitidas na ciência.” (MILNER, 1987, p.31)

¹¹ Milner, com base na Psicanálise, vai falar que esse real da linguística, diferente do da lógica, ciência a qual ele (o real) foi equiparado, é falho, recoberto de falhas, e que abre espaço para a *alíngua*, nome ao qual se intitula aquilo que fica de fora deste real, o que “não é representável pelo cálculo”, lugar onde se tem a presença do sujeito excluído pelo real da linguística.

¹² “Ponto a partir do qual as línguas podem ser reunidas em um todo, porém um ponto ao qual se conferiu extensão ao se acrescentarem as propriedades enunciáveis”. (MILNER, 1987, p.11)

¹³ “A língua só se concebe claramente na isotopia absoluta de qualquer ponto que se a considere, ela deveria oferecer uma mesma fisionomia, mas é o que os dados mais simples não confirmam: sempre na série dos lugares homogêneos levantam-se algumas singularidades” (MILNER, 1987, p.14).

A língua suporta o Não-todo da *alíngua*, mas, para que esta se faça objeto da ciência, é preciso que ela seja apreendida como uma completude: a língua é a rede pela qual a *alíngua* falta, mas em si mesma a rede não deve comportar nenhuma falta. Então, a linguística deve ignorar a falta e sustentar que da *alíngua*, ela não tem nada a saber e que a rede de impossível que a marca é consistente e completa. (MILNER, 1987, p.26)

O conceito de língua que adotamos neste trabalho está relacionado com uma língua faltosa, sujeita a falhas, uma língua onde “tudo não se diz”, aquela que reconhece que há um “impossível próprio à língua”. Saindo do lugar da existência de uma língua “perfeita”, sem falhas, que abarca todos os fenômenos da linguagem, isto é, todos que sejam da ordem do repetível, já que, os que não ocupam esta posição, são postos à margem.

Visão teórica que assume a incompletude da língua, uma língua “sutil e falha” ainda que se entenda que para se chegar ao real da língua, “não se chega sem desvios.” A gramática, no entanto, tem sonhado com a completude, com a homogeneidade e com a não contradição. O autor afirma que “a palavra em si mesma não vai em todos os sentidos”, pois ela sempre irá chocar-se com a proposição: “Tudo não se diz” (MILNER, 1987, p.19).

Para Milner (1987, p.19) “o puro conceito de língua é aquele da ordem de um ‘Não-todo’, marcando *alíngua*, ou a língua é o que suporta a *alíngua* enquanto ela é ‘Não- toda’.”¹⁴ Portanto, só se chega à língua por via da *alíngua*, lugar do impossível de ser dito, que não cessa de produzir significantes, de uma verdade ‘Não-toda’, visto que, tudo não se diz, ou seja, sempre faltará algo.

A *alíngua* é o lugar do ponto de cessação, o ponto de poesia, onde tudo é possível de acontecer, chiste, homonímia, ato falho, lapsos, isto é, tudo aquilo que não é da ordem do real da língua, tudo que lhe faz excesso. “É na *alíngua* que ele trabalha, acontece que um sujeito imprima uma marca e abra uma via onde se escreve um impossível a escrever” (MILNER, 1987, p.26).

Então, como observamos, a língua – “Todo” – comporta um “Não-todo” – *alíngua* – pois, para que fosse reconhecida enquanto objeto de uma ciência fez-se necessário ser apreendida como uma completude: “a língua é a rede pelo qual

¹⁴ Por isso, na língua: há o regular, mas também o irregular; há o repetível que faz rede, mas também o singular; há o representável, mas também o impossível de se representar, ou seja, o “equivoco”; há o correto (para a linguística e a gramática), mas também o incorreto; há o homogêneo, mas também o heterogêneo; há a estratificação, que pode ser desestratificada; e, enfim que; há a analogia, que não descarta a anomalia.

alíngua falta, mas em si mesma a rede não deve comportar nenhuma falta” (MILNER, 1987, p.26). Portanto, deve-se desprezar a falta, pois não tem e não quer saber nada da *alíngua*, considera-se somente a língua em toda sua completude.

O tipo de escrita que a linguística se propõe não pode ser cumprido se o Não-todo conserva o menor direito à existência. Resta, pois, nada saber, ignorar o que vem da *alíngua*, já que, se isso não for feito, não consegue-se chegar ao real calculável desejado da língua, é que *alíngua* está sempre em condições de infectar a língua (MILNER, 1987, p.27).

Segundo Milner (1987, p.41), “A linguística visa a um real, e é deste real que ela exige que seja marcado do discernível, do “Um”. Não é sua escrita que institui por convenção o “Um”, mas, ao contrário, é este último que a torna possível”.

O fato de que haja língua tem a ver com o fato de que haja inconsciente, de onde que segue que os mecanismos de uma repetem aqueles do segundo (é a tese dos sentidos opostos nas palavras primitivas) e reciprocamente. Donde se segue mais precisamente que um ponto pode ser definido onde a língua – ao mesmo tempo o fato de que exista, e o fato de que ela tenha tal forma – e o desejo inconsciente se articulam. Este ponto, ao contrário de Freud, Lacan o nomeou: é *alíngua* – ou, o que é o mesmo conceito: o ser falante, o fala-ser (MILNER, 1987, p.42).

Então, quando “tudo não se diz”, é que existe algo impossível de ser dito, pois faltam palavras para dizer, lugar do impossível. “A linguística demanda o todo: em todos os sentidos, isto é, em sentidos contraditórios e fazendo chicana” (MILNER, 1987, p.45).

2.2 Sobre os processos metafórico e metonímico

Neste capítulo, trataremos a proposta de Cláudia Lemos sobre os estudos e aquisição de linguagem. É a partir de reflexões feitas sobre o Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, como também dos trabalhos de Jakobson (1975, Dois aspectos de linguagem e dois tipos de afasia) e Lacan (1966, Função e campo da fala e da linguagem) sobre, principalmente, a teoria do valor saussuriana, que

Lemos fundamenta as suas propostas em explicar como se dá o processo de aquisição de linguagem oral em crianças¹⁵.

Saussure (2002, p.37) diz que, “A língua repousa sobre um certo número de diferenças ou de oposições, sem se preocupar essencialmente com o valor absoluto dos termos opostos, que poderá variar consideravelmente, sem que o estado de língua seja destruído”.

(...) a ideia do valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim, seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra (SAUSSURE, 2006, p.132).

Conforme o autor, este é o ponto cardeal em suas formulações, ou seja, se ela vale, quer dizer que existem outros valores, pelos quais a língua é posta em relação. É entre estas afirmações, que o autor realiza suas discussões sobre a Teoria do Valor, enfatizando, entre outras coisas, que os constituintes de uma língua estão sempre postos em relação pela diferença entre eles. Mais uma vez, ressalta-se que este ponto é alvo fundamental nas formulações teóricas de Lemos em Aquisição de linguagem.

Nunca é demais repetir que os valores dos quais se compõe primordialmente um sistema de língua (um sistema morfológico), um sistema de sinais, não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos, nem nas significações. Eles consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações, estabelecida sobre a diferença geral dos signos mais a diferença geral das significações mais a atribuição anterior de certas significações a certos signos ou reciprocamente (SAUSSURE, 2002, p.30-31).

Nos Escritos de Linguística Geral, Saussure (2002, p.27) fala de uma teoria do valor na língua, dizendo que,

¹⁵ O linguista suíço Ferdinand de Saussure forjou a expressão “ordem própria da língua”, que fomentou as reflexões atuais sobre a estruturação linguística e subjetiva, já o linguista russo Roman Jakobson estende à fala do funcionamento da língua conforme proposto por Saussure e com isso possibilita o entendimento de todas as manifestações linguísticas. Coube ao psicanalista francês Jacques Lacan fazer dialogar psicanálise e linguística estrutural para pensar os processos de linguagem e de subjetivação e os sintomas deles decorrentes. (CALIL & FELIPETO, 2008)

A presença de um som, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irreduzível como elemento de sua estrutura. É fácil mostrar que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa a primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável, do princípio das oposições, ou dos valores recíprocos, ou das quantidades negativas e relativas que criam um estado de língua.

É também no Curso de Linguística Geral que a autora vai resgatar a dicotomia relações sintagmáticas¹⁶ e associativas como evidência de uma proposta de explicação para os acontecimentos dos fenômenos da língua, isto é, Saussure, mesmo sem deixar explícito, já propunha que a língua é comandada por dois eixos, o do sintagma e o da associação, que posteriormente foi chamado de paradigma. Segundo ele, em um estado de língua, tudo se baseia em relações.

Tudo o que compõe um estado de língua pode ser reduzido a uma teoria dos sintagmas e a uma teoria das associações. Primeiramente, certas partes da Gramática tradicional parecem agrupar-se sem esforço numa ou noutra dessas ordens (...) por outro lado, a sintaxe, vale dizer, segundo a definição mais corrente, a teoria dos agrupamentos de palavras, entra na sintagmática, pois esses agrupamentos supõem sempre pelo menos duas unidades distribuídas no espaço (SAUSSURE, 2006, p.158).

Saussure compreende relação sintagmática em sua linearidade, em que as palavras não podem sobrepor-se uns aos outros, seguindo um encadeamento na oração, de forma em que uma palavra não pode ser pronunciada e/ou escrita ao mesmo tempo em que outra. Esse é o princípio da linearidade, que junto ao princípio da arbitrariedade, que diz que “não há nada em comum, em essência, entre o signo e aquilo que ele significa” (Saussure, 2002, p.23), funda a própria noção de língua para Saussure. “A noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras)” (SAUSSURE, 2006, p.143). Já as relações associativas derivam da associação mental que se faz entre termos que têm algo em comum, como disse Saussure, esse tipo de relação está alocado no cérebro, compondo o “tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo” (SAUSSURE, 2006, p.143).

¹⁶ Entende-se por sintagma as relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo.

Conforme Saussure (2006, p.143), “as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas.” Essa dupla relação é ainda estabelecida da seguinte forma: “A relação sintagmática existe *in praesentia*, repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (SAUSSURE, 2006, p.143).

Há duas ordens de unidades possíveis na língua: “as que resultam do recorte, racional ou não, da cadeia sonora, ou sintagma, em diferentes frações que serão as unidades do mesmo corpo concreto”; “as que resultam da classificação das unidades da mesma ordem, separadas de outros sintagmas, e declaradas semelhantes graças a tal ou tal característica: obtém-se, assim, uma unidade abstrata, mas que pode passar por unidades pela mesma razão, ao menos que as precedentes (SAUSSURE, 2002, p.29).

Ainda segundo Saussure (2006, p.146):

Enquanto um sintagma suscita em seguida à ideia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. Se associarmos desej-oso, calor-oso, medr-oso, etc., ser-nos-á impossível dizer antecipadamente qual será o número de palavras sugeridas pela memória ou a ordem em que aparecerão. Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida.

Um autor que avança com esta discussão é Roman Jakobson. No capítulo do seu livro “Linguística e Comunicação”, intitulado “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia” ele trata das perturbações que acontecem na fala de afásicos de diferentes graus, descrevendo e classificando as perturbações afásicas, à medida que estabelece um paralelo entre as teorias linguísticas e os problemas que geram a afasia, pois defende que “a desintegração afásica das estruturas verbais pode abrir, para a linguística, perspectivas novas no tocante às leis gerais da linguagem” (JAKOBSON, 1975, p. 35-36).

O linguista russo, através dos distúrbios da fala dos afásicos, recupera o que Saussure discute sobre cadeia sintagmática e associativa, propondo uma tentativa de resgate do sujeito, que outrora fora excluído pelo genebrino. Ele, a princípio, vai relacionar a dicotomia saussuriana citada acima como um processo de seleção e

combinação, isto é, para ele “falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade.” (JAKOBSON, 1975, p.37). Em seguida esse processo de seleção e combinação foi associado aos tropos metáfora e metonímia, intitulados posteriormente por Jakobson de polos metafórico e metonímico.

Em contraste com os tropeços de Saussure ao tentar desvencilhar a significação de cada signo em si, o que lhe era exigido pela noção de valor, Jakobson não hesita em reconhecer os dois eixos de relações como determinantes de um movimento de significação que não se detém nas unidades em si. Com efeito, se no eixo associativo, a significação atinge um nível de generalização consequente a um vínculo que faz emergir a semelhança a submergir a diferença, no eixo sintagmático a diferença emerge sob o efeito restritivo na cadeia (LEMOS, 1997, p.10).

Então, é com base nessas contribuições saussurianas, ou melhor, no olhar de Lacan sobre o pensamento de Saussure que Lemos se propôs a teorizar sobre a fala da criança, como também “aos desafios empíricos, como as suas demandas teóricas e metodológicas”, (LEMOS, 2006, p.28) o objetivo dela é “definir a aquisição de linguagem como um processo de subjetivação configurado por mudanças de posição da criança numa estrutura em que *la langue* e a *la parole* do outro, em seu sentido pleno, estão indissociavelmente relacionados a um corpo pulsional¹⁷, i.e., à criança como corpo cuja atividade demanda interpretação. (LEMOS, 2006, p.28)

2.3 O Trabalho com manuscritos escolares

Calil (2004), em seu artigo “Marcas de letramento: efeitos equívocos de um funcionamento”, analisou produções orais e escritas de escolares, a fim de mostrar que “erros” sintáticos, semânticos e ortográficos presentes em certos enunciados podem ser entendidos a partir do funcionamento linguístico-discursivo, tendo aí o “equívoco” um papel importante a ser considerado. Neste trabalho, ele assume, juntamente com Milner (1987) um conceito de língua enquanto da ordem de um “Não-Todo”, ou seja, assume que incompletude é um fato inerente a língua, pois

¹⁷ Para uma melhor compreensão ver o artigo Corpo & Corpus que Lemos publicou em 2003.

“quando se obtura uma falta, aparece outra em outro lugar, em outro ponto.” (CALIL, 2004, p. 337).

Para Calil (2004), o “equivoco” é um produto dos efeitos deste “Não-Todo”, que recebe o nome de “*alíngua*”. Segundo ele, é o “equivoco” que embaralha os extratos e faz com que um enunciado possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro. Ele defende que os analisados denotam o “modo de inscrição subjetiva no funcionamento linguístico-discursivo” realizado pelos alunos. Traremos logo em seguida alguns enunciados analisados pelo autor.

O primeiro enunciado analisado foi o de uma menina de 3 anos e 6 meses de uma escola pública da cidade de São Paulo. O enunciado é de linguagem oral, proferido pela menina, logo após a leitura, pela professora, da história “Branca de Neve e os Sete Anões”.

Juliana: “- E também... porque o caçador... **porque a maçã invenenada deu prá ela a bruxa...** só que **tivia** uma madrastinha bem feiosinha”.

Destacamos deste dado, o a interpretação que Calil propõe sobre a “forma verbal” “*tivia*”, componente do enunciado, “só que **tivia** uma madrastinha bem feiosinha”. Para o autor, em “*tivia*” há marcas de letramento, percebida pela criança através do que ela denomina de “ecos de outras formas significantes”.

“**Tivia**” é uma palavra-valise que comporta ao mesmo tempo a conjugação dos verbos “ter” (“**tinha**”) e “haver” (“*havia*”) no modo imperfeito, comumente presente nos contos de fada. Aquela forma, nesta posição, conserva na cadeia manifesta o lugar destas formas que se encontram ausentes, mas que indicam morfologicamente, em um eixo de equivalência metafórica, uma concorrência de enunciados “já-ditos” e constituídos através de diversas práticas interacionais de leituras de histórias. (CALIL, 2004, p.340)

Outro enunciado analisado pelo autor foi o produzido por um menino de 4 anos e dois meses, também de uma escola pública de São Paulo, ao narrar, enquanto a professora escrevia, de forma coletiva, a história da “Bela Adormecida”, a passagem em que a bruxa malévola chega à festa para a qual não foi convidada e joga o feitiço.

“- Não. Ela não foi convidada... daí... aí falou assim... (ALTERANDO A VOZ) **Você espetará o dedo no fuso e morrerá.** Aí... a... a... a velha falou assim... é... (NOVAMENTE MUDANDO A VOZ) **ela não vai morrerá, ela vai dormir a cem anos.**”

Deste dado, o autor destaca alguns pontos, o primeiro, o uso dos verbos de forma precisa que o menino realiza no enunciado “Você **espetará** o dedo no fuso e **morrerá**”, porém, logo em seguida, a criança pronuncia mais uma vez o verbo “**morrerá**” no enunciado “ela não **vai morrerá**”, e logo em seguida o enunciado “ela **vai dormir a cem anos**”.

Para o autor, fazendo uma comparação entre os “erros” “vai morrerá” e “vai dormir a cem anos”, com o uso de formas verbais estabilizadas, “espetará” e “morrerá”, produzidas anteriormente pela criança, e que também indiciam um certo grau de letramento do menino, os erros parecem ainda mais “estranhos”. A produção dos “erros” faz como que o autor se questione: Por que será que ele não disse “ela não **morrerá**, ela **dormirá por** cem anos”?

Segundo o autor, estes “erros” trazem “marcas do processo de letramento que indicariam o modo subjetivo de inscrição do sujeito na língua e no discurso” (CALIL, 2004, p.338). É o sujeito sofrendo a ação do funcionamento linguístico-discursivo da língua.

Para o autor (2004, p.338), “a emergência de ‘**morrerá**’ em ‘ela não vai **morrerá**’ indicaria um movimento metonímico da forma ‘**morrerá**’ já manifesta em ‘você espetará o dedo no fuso e **morrerá**’”. Segundo ele, há na ocorrência desses dados um movimento de contiguidade causado pelo polo metonímico da língua, como se fosse um espelhamento entre enunciados. (LEMOS, 2002).

Ainda segundo Calil (2004, p.338), além deste “espelhamento” ou semelhança entre as formas, atua na cadeia da fala outro movimento que também não pode deixar de ser considerado. “Ela não **vai morrerá**” indica uma “relação metafórica em que há a latência de, pelo menos, três possibilidades estruturais que poderiam estar se cruzando”.

a) “**ela não irá morrer.**” (pronome + (neg) + (auxiliar “ir” no futuro do presente + (“morrer” no infinitivo)

b) “**ela não vai morrer.**” (pronome + (neg) + (auxiliar “ir” no presente do indicativo + (“morrer” no infinitivo))

c) “**ela não morrerá.**” (pronome + (neg) + “morrer” na 3ª. pessoa do futuro do presente)

As formas significantes que compõem a cadeia da fala em “**ela não vai morrerá**” convoca, na ausência, a presença de partes destas estruturas possíveis na língua, postas em relação pelo jogo metafórico e metonímico. Para ser mais preciso, este enunciado de Rodrigo combina fragmentos de duas estruturas, a saber, o auxiliar “ir” no tempo presente do indicativo encadeado pelo verbo “morrer” no futuro do presente. É através destes processos que pode ser interpretado a produção de “**ela não vai morrerá**” e iluminar, de um lado, a dimensão linguística da relação sujeito e língua, e de outro, a dimensão discursiva em que a “fala letrada” ou o “outro modo de falar” possa ser interpretado como um efeito de sentido produzido imaginariamente. (CALIL, 2004, p. 338)

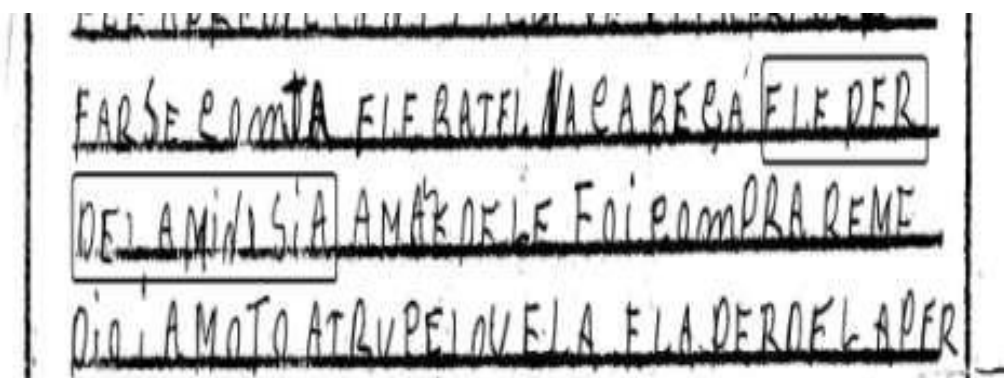
O autor ainda destaca outro ponto no enunciado de Rodrigo, é quando ele diz “**ela vai dormir a cem anos**”. Para Calil (2004), o “equivoco”, agora, não incide mais sobre a conjugação verbal, mas sobre a emergência da preposição que segue ao verbo “dormir”. Tal como o outro enunciado, neste pode ser reconhecida, através da ação metafórica, a concorrência de outras estruturas e formas significantes.

Conforme Calil (2004, p.339), “a presença de ‘a’ entre ‘**ela vai dormir**’ e ‘**cem anos**’ indicia a latência de outras possibilidades e as relações de semelhança e diferença que aí produzem como efeito marcas do processo de letramento”. Ele indica algumas destas estruturas logo abaixo:

- a) “**ela vai dormir por cem anos...**”
- b) “**ela vai dormir até cem anos...**”
- c) “**ela vai acordar daqui a cem anos...**”
- d) “**ela dormiu há cem anos...**”
- e) “**ela vai dormir em duas horas...**”
- f) “**faz cem anos que ela dormiu...**”

O verbo “dormir”, como diria Manoel de Barros, não combina com a preposição “a”, mas interpretar sua emergência como um efeito dos cruzamentos de enunciados outros que podem estar circulando em um universo discursivo letrado, como por exemplo, a expressão “há cem anos” marcadamente presente na história “A Bela Adormecida”, permite mostrar que as marcas do processo de letramento estariam consolidando posições subjetivas detonadas por estas práticas.

Outro dado analisado por Calil (2004) discorre sobre o efeito dos processos metafórico e metonímico no enunciado produzido por dois alunos, Jaques e Anderson, respectivamente com 10 anos e 11 meses e 12 anos e 2 meses, de uma escola pública da cidade de Maceió. O texto “O menino burro” foi produzido durante o projeto “Nossos contos, nossas histórias”, desenvolvido na Escola Municipal Antônio Simão Lamenha Lins. O autor afirma que o contexto do manuscrito gira em torno de uma história de um menino que não sabia nada, não aprendia nada, nem ler, nem escrever, nem fazer. Em meio à história, houve a produção do enunciado:



“[Ele (não) aprendeu a] fazer conta. Ele bateu a cabeça. **Ele perdeu amnésia.** A mão dele foi comprar remédio e a moto atropelou ela. Ela perdeu a per[na].”

O autor fala que há uma ruptura em “perder amnésia”, ou como ela coloca, “do ponto de vista das relações metafóricas, o equívoco que este enunciado expõe indicia a pressão de cadeias latentes sob o fluxo do discurso”; já do ponto de vista metonímico, metonimicamente, “**amnésia**’ mantém uma relação de contiguidade com **‘perdeu (a)’** e, através de uma relação associativa, entra na posição de **‘memória**’, que seria o mais previsível aparecer”. (CALIL, 2004, p. 340)

“ele **perdeu a memória**”.

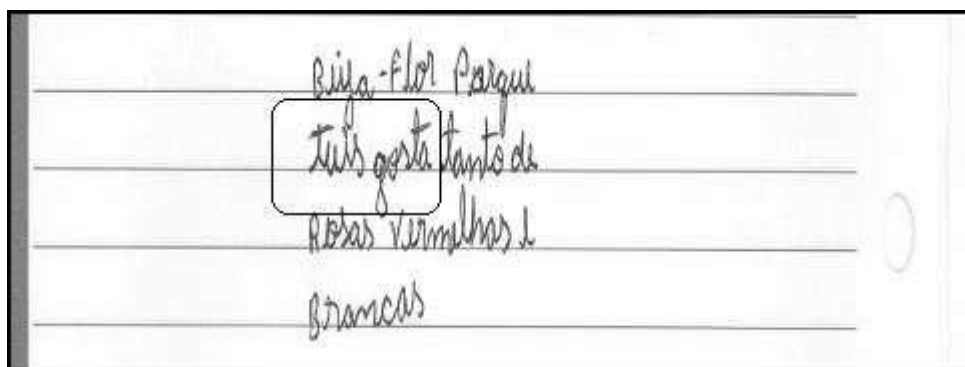
“ele **ficou com amnésia**”.

“ele **ficou sem memória**”.

“ele **estava com amnésia**”.

Mas, de qualquer modo, o cruzamento que a estrutura sintática “perdeu amnésia” indicia fica marcado pelo equívoco que aí se manifesta. “Perdeu”, que os alunos não parecem ter dificuldade em usar quando, por exemplo, escrevem “**perdeu a** perna” no final deste fragmento ou ainda quando aparece o verbo “ficar”, na continuação da história “e o filho dela **ficou bom**” e “ele **ficou rico**”. Mais intrigante ainda é que parece ser mais próximo, mais usual, mais cotidiano, mais corriqueiro a presença da palavra “memória” na fala dos alunos do que o termo “amnésia” que porta uma certa sofisticação do discurso “letrado”. É por esta razão que se pode dizer que “ele perdeu amnésia” guarda as marcas do processo de letramento a que estão submetidos estes alunos. (CALIL, 2004, p. 341)

Ainda segundo Calil (2004), ao analisar o poema intitulado “O Beija-Flor”, escrito por José Roberto Gomes da Silva, aos 11 anos e 10 meses, aluno de uma 2ª série do Centro Educacional Miosótis, que atende aos moradores de um bairro socialmente desfavorecido da cidade de Maceió, percebe outra marca do processo de letramento indiciado pelo movimento equívoco da língua na produção, na segunda linha do fragmento, de “tuis gosta”.



Calil supõe que “tuis” é uma “espécie de “aglutinação” da expressão “tu és”. Ele coloca que é a emergência dessas estruturas bizarras que produzem uma ruptura na cadeia manifesta.” (Calil, 2004, p.348). O autor defende, juntamente com

Milner (1989, p.39), que o que acontece neste enunciado é um “impossível de língua”, isto é, aquilo que não é aceitável, mas que é um possível material, ou seja, “o dado linguístico, o enunciado efetivamente realizado ou realizável” (CARVALHO, 1995, p.22, *apud*, CALIL, 2004, p.348).

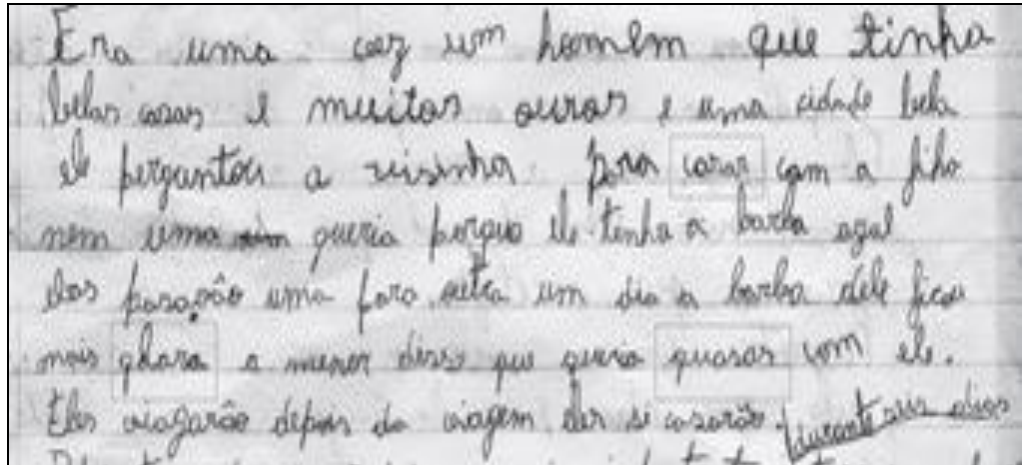
Cristina Felipeto (2007), em seu artigo “Erro imprevisível: possibilidade esquecida da língua”, discute alguns “erros imprevisíveis”¹⁸ ocorridos em um manuscrito de uma díade de alunos, de uma 1ª série de uma escola particular da cidade de Maceió. Para esta produção, foi pedido aos alunos que reescrevessem a história “O barba azul”, lida pela professora várias vezes. O manuscrito foi reescrito pelos alunos em 18/05/1998.

Antes de adentrar na análise dos dados, Felipeto (2007) destaca algumas formas possíveis de se caracterizar os “erros imprevisíveis”: “atípicos”, “anormais”, “estranhos”, “curiosos”, “irrelevantes” são alguns nomes que costumam ser chamados os “erros” que apontam para a singularidade do sujeito. Para Felipeto (2007, p.100-1001):

Os “erros imprevisíveis” transgridem a “norma padrão”, mas, diferentemente dos erros previsíveis, ou seja, aquelas combinações já previstas a partir da estrutura da língua e que apontam para uma atribuição de saber à criança, já que eles indicariam o “conhecimento” e, portanto, a generalização de uma regra, o erro imprevisível remete ao equívoco, no sentido dado por Milner (1987), qual seja, o equívoco enquanto uma falta irremediável que toca a língua.

Partindo para a análise dos dados, a autora ressalta o destaque que ela realiza em algumas “formas significantes”: “casar”, na terceira linha, “qlara” e “quasar” na sexta linha. Antes da análise do dado, a autora chama atenção para o uso do “q”, segundo a gramática normativa.

¹⁸ Embora nossos dados não tenham o mesmo estatuto, imprevisível, como os analisados por Felipeto, a descrição e análise que estes autores realizam são imprescindíveis.



Reescrita de “O Barba Azul” — 1a versão — 18/05/98¹⁹

A letra “q” só se emprega seguida da letra “u”, a qual não representa nenhum som quando seguida de “e” ou “i”, como em “que”, “quieto”; quando tremada ou seguida de “a” ou “o”, a letra “u” representa a semivogal [w] (quadra, frequente). O “q” é uma letra dita “muda”, pois precisa do “u” para se realizar. (FELIPETO, 2007, p. 106)

Conforme a autora (2007), na linha 3, do fragmento do texto, os alunos escrevem “quara”, rasurando posteriormente o “u” e substituindo-o por “l”, ficando “qlara”, na mesma linha, grafam “quasar” para “casar”, termo que, na linha 3, já haviam grafado corretamente. Segundo Felipeto (2007, p. 106), “o que torna esse dado singular é justamente a combinação de “q” seguido de “l”, a não regularidade com que essa combinação ocorre e o fato de os alunos grafarem “quasar” após haverem grafado “casar” corretamente”.

Ainda segundo a autora, a substituição do “c” pelo “q” em “quara”, linha 8, é realizada pela homofonia entre essas letras, já que “em determinadas posições, como em ‘que’ e ‘cada’, ambas são representadas pelo mesmo fonema, ou seja, /k/”, porém, “q”, como dito acima pela autora, só se junta, em língua portuguesa a um “u”, formando “qu”, “fazendo com que o aluno produza ‘quara’ na sua tentativa de escrever ‘clara’ e depois retorne ao que escreveu, rasure o “u” e o substitua por “l”. (FELIPETO, 2007, p.107)

Em “quara” se lê [ˈkwara], ou seja, o fonema /k/ é aí seguido de uma semivogal /w/ que o torna menos “límpido” que quando ele aparece

¹⁹ Transcrição diplomática realizada por Felipeto (2007): “Era uma vez um homem que tinha / belas casas e muitos ouros e uma cidade bela / ele perguntou a vizinha para **casar** com a filha / nem uma umqueria porque ele tinha a barba azul / elas pasavão uma para outra um dia a barba dele ficou / mais **qlara** a menor disse que queria **quasar** com ele. / Eles viajarão depois da viagem eles si casarão”.

sozinho, como em [klara]. Podemos hipotetizar e dizer que talvez tenha sido o som de /kwa/ que fez os alunos voltarem e rasurarem, isto porque, se o termo fosse outro, como “clero” supostamente grafado “qlero”, cujo “l” ocuparia aí a posição do “u”, talvez a homofonia entre “q” e “c” não produzisse o estranhamento da forma “qlero”. Sendo assim, no exemplo acima, “qlara”, é a homofonia entre as formas “qu” e “c” (como em “clara”) que permite sua permuta. No entanto, o bloco “qu” aí causa problema, pois “falta” um “l” e os alunos retornam então ao que escreveram e rasuram. Os alunos precisam, então, apagar a homofonia primeira existente entre “qu” e “c”, para, então, ressignificarem essa relação imaginária em “q” e “c”. (FELIPETO, 2007, p.107)

Outro dado analisado por Felipeto neste artigo é a forma “quasar”, linha 6. A autora supõe que, “para esses alunos, não apenas o ‘q’ seja homofônico a ‘c’, mas toda a forma ‘qu’ é que estaria funcionando imaginariamente com o som representado pelo fonema /k/, mesmo estando seguido por um ‘a’”. (FELIPETO, 2007, p. 108)

A autora percebe a ação metafórica e metonímica na incidência do dado. Ela diz que:

Se acompanharmos o que os alunos escrevem na linha 8, “que queria quasar”, vemos aí se delinear um movimento de contiguidade que faz com que um significante da cadeia dê origem a um outro. Na metonímia, é preciso que existam certas condições de ligação entre os termos e uma delas é essa forma de reverberação, em que a sequência “que queria” acaba por se refletir na forma “quasar”. A reverberação metonímica levaria, então, a um espelhamento dos grafemas “qu”. Onde estaria a metáfora? A operação metafórica ocorre justamente na homofonia entre as formas “qu” e “c”, permitindo que elas se substituam, por similaridade fonética. (FELIPETO, 2007, p.108)

A autora conclui que neste e nos outros dados houve a interferência do funcionamento linguístico-discursivo da língua, pois como vimos, mesmo após grafar corretamente “casar” na linha 5, os alunos nem por isso estranham a forma “quasar”, o que demonstra a supremacia do significante quando se trata da linguagem e do sujeito. Para autora, talvez fosse mais apropriado falar em saber *d’alíngua*: *alíngua* sabe.

Enfim, estudos como estes, que tomam como objeto de análise “erros”, imprevisíveis ou não, em manuscritos escolares como objeto de estudo, só vêm colaborar para que conheçamos mais sobre o funcionamento da língua, sobre o processo de aquisição e sobre o próprio escrevente.

3 CAMINHOS TRILHADOS: DOS “CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO” AO “SINTAGMA NOMINAL”

Neste capítulo, apresentaremos nossa metodologia, descreveremos sucintamente o projeto didático que serviu de apoio ao nosso trabalho, que está vinculado às propostas desenvolvidas pelo Laboratório do Manuscrito Escolar (L'ÂME), como também, a escolha das categorias linguísticas “sintagma nominal” e “concordância nominal”, objeto de nosso estudo.

3.1 Projeto didático “contos de assombração”

O projeto “Contos de Assombração” foi pensado/ aplicado com o objetivo de criar um contexto de imersão no universo ficcional. Para tanto, foram realizadas leituras pela professora, “causos²⁰” contados pelos próprios alunos, como também, abriu-se oportunidades para pessoas da comunidade contar suas histórias. Houve ainda a exibição de filmes²¹, favorecendo, como advoga os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), o estabelecimento de boas condições para as práticas de textualização.

3.1.1 projeto didático “contos de assombração”: o desenvolvimento

O projeto contos de assombração foi realizado em uma escola pública da rede municipal da cidade de Maceió, do mês de março a novembro, do ano de 2005. O projeto foi pensado e desenvolvido pelo professor Eduardo Calil, por uma de suas orientadas de doutorado e pela professora da turma.

²⁰ Narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real; caso, história, conto. (HOUAISS, 2001)

²¹ Os filmes exibidos, entre uma lista de sugestões, foram: “Drácula 200”, “O navio fantasma”, “Anaconda 2”, “O quarto do pânico” e “Frankstein”.

Diariamente eram lidos contos de assombração pela professora para os alunos; uma vez por semana, aconteciam às rodas de “causos”, nas quais os alunos ou convidados da comunidade os contavam. Uma vez por mês eram exibidos filmes de assombração para a turma. Semanalmente, era solicitado dos alunos, que eles, em dupla, produzissem um manuscrito dentro do universo simbólico dos contos de assombração²².

As solicitações feitas pela professora, a partir dos “causos” conhecidos, tais como: “A mulher da capa preta”, “A mulher das unhas vermelhas”, “causos de lobisomem”, das reescritas de histórias tradicionais: “O lobisomem”, “Maria Angula”, “Abad Alfau e a Caveira”, “Os dois caçadores e a Saiona”, de descrições de personagens conhecidos, como: “A Saiona”, “A mulher da capa preta”, “O caipora”, ente outros; e de histórias inventadas pelos alunos, Além disso, os alunos ilustravam suas histórias, as quais, posteriormente fizeram parte do painel exposto na sala, nominado pela professora de “Monstruário”. Geralmente, estes manuscritos foram produzidos em duplas de alunos, estratégia didática corrente neste contexto pedagógico.

Durante o processo de produção dos alunos, a professora incentivou-os a refletir sobre sua escritura, levando-os a combinarem antes os textos que foram produzidos, ao passarem “a limpo”, solicitando que observassem a necessidade de uma reflexão sobre a sua escrita, afirmando que escrever não é um processo simples, mas que exige planejamento, tempo, atenção, revisão, reflexão, redirecionamento etc. Foi essencial que os textos a serem escritos e/ou reescritos, antes de produzidos, tivessem sido trabalhados pela professora até que os alunos os dominassem de memória.

Os objetivos finais deste projeto eram:

1. A produção do livro “Personagens & Histórias de Assombração”, que seria composto de quatro partes²³:

a) Descrições de 10 personagens de contos de terror e assombração;

²² Para saber mais, ver Dufour (2000; 2005).

²³ Conforme o relatório desenvolvido ao término do projeto, este objetivo não foi alcançado. Mas as produções textuais referentes às histórias, descrições, contos de causos foram realizadas.

- b) “Causos da meia-noite”: produção de três “causos” contados por Dona Nega (Maria de Lourdes Assis) ou pelos alunos;
- c) Reescritas: a partir de 2 contos de assombração;
- d) Histórias inventadas: 8 histórias.

2. Produção de um “Monstruário” (painel com ilustrações e descrições de personagens de terror);

4. Apresentação das peças “Maria Angula” e “Dois Caçadores e a Saiona” baseadas nas respectivas histórias lidas em sala de aula (apresentação no dia do folclore²⁴).

As histórias inventadas, diferente das reescritas, que, didaticamente têm a função de imergir os alunos no gênero proposto, tanto nos aspectos estruturais quanto nos discursivos, propiciam uma perspectiva de autoria²⁵, vislumbram até que ponto os alunos estão imersos no gênero trabalhado.

3.1.2 As propostas de produção e os manuscritos escolares

Os manuscritos, como exposto anteriormente, foram produzidos a partir de atividades solicitadas pela professora, tais como: descrição de um personagem de “causo”; reescrita do conto “Maria Angula” (coletiva) e de “Dois caçadores e a saiona” (dupla); histórias inventadas: 1- (livre) (dupla), 2- (dupla) a partir do título “O monstro e a menina”, 3- (livre) (dupla), 4- personagens: um menino de 7 anos, um homem manco e uma tarde chuvosa (dupla) 5- (livre) (dupla), 6- (dupla) a partir do título “A casa do senhor malévolo”, 7- (livre) (dupla) e 8- (dupla).

Abaixo seguem as propostas com as suas respectivas consignas, pedidas pela professora:

- TEXTO 01 - “Maria Angula” - [proposta de produção a partir da história “Maria Angula”].

²⁴ Destacamos a apresentação da peça “Maria Angula”, que chegou a ser apresentada na Secretaria Municipal de Educação – SEMED.

²⁵ Um estudo aprofundado sobre autoria, ver Calil (2008).

Versão 1 - Tomar como referência a história “Maria Angula” e propor uma reescrita coletiva, destacando as quatro operações metalinguísticas envolvidas na rasura (adição, supressão, substituição, deslocamento).

Versão 2 - Entregar um cópia da versão 1 do texto 01 escrito coletivamente e pedir para os alunos fazerem em dupla, com caneta vermelha, as alterações que julgarem necessárias²⁶.

Versão final - cada um dos alunos da dupla deve escrever a versão final em uma folha pautada que faria parte do “Livro do Terror” ajustando ainda o que for necessário²⁷.

- TEXTO 02 - Primeira descrição de um personagem de terror (dupla) - [proposta de produção a partir dos personagens das histórias lidas até então].

Versão 1 - Tomar como referência os personagens de terror dos contos lidos e propor a descrição de um personagem. A primeira versão é o rascunho. Lembrar os alunos das operações envolvidas na rasura, lembrando-os da importância delas ao escrever um texto. Entregar uma folha pautada para cada dupla e pedir que a dupla use caneta “bic” preta. Antes de entregar a folha para os alunos iniciarem, pedir que eles conversem um pouco sobre que personagens irão descrever e o que escreverão.

Versão 2 - Entregar outra folha pautada para os alunos passarem o texto a limpo.

Desenho - Entregar uma folha de ofício para os alunos desenharem o personagem descrito. Providenciar lápis de cor, caneta hidrocor para os alunos colorirem.

- TEXTO 03 - Primeira história inventada. (livre – dupla)

Versão 1 - Propor aos alunos que criem uma história de terror.

²⁶ Este procedimento foi alterado. A professora projetou no quadro o texto dos alunos e a segunda versão foi feita de forma coletiva.

²⁷ Esta versão não foi feita.

Versão 2 - Entregar outra folha pautada para os alunos passarem a história a limpo.

- TEXTO 04 – Segunda descrição de um personagem de terror (dupla).

Versão 1 - Tomar como referência os personagens de terror dos contos lidos e propor a descrição de um personagem, escolhendo um que não tenha sido descrito antes.

Versão 2 - Entregar outra folha pautada para os alunos passarem o texto a limpo.

Desenho - Entregar uma folha de ofício para os alunos desenharem o personagem descrito.

- TEXTO 05 - Segunda história inventada - a partir do título “O monstro e a menina”. (dupla)

Versão 1 - Propor aos alunos que criem uma história de terror a partir do título “O monstro e a menina”.

Versão 2 - Entregar outra folha pautada para os alunos passarem a história a limpo.

- TEXTO 06 – Terceira descrição de um personagem de terror (individual)

Versão 1 - Tomar como referência os personagens de terror dos contos lidos e propor a descrição de um, escolhendo um que não tenha sido descrito antes. A primeira versão é o rascunho.

Versão 2 - Entregar outra folha pautada para os alunos passarem o texto a limpo.

Desenho - Entregar uma folha de ofício para os alunos desenharem o personagem descrito.

- TEXTO 07 – Terceira história inventada (livre – dupla)

Versão 1 – Propor aos alunos que criem uma história de terror.

Versão 2 – Entregar outra folha pautada para os alunos passarem a história a limpo.

- TEXTO 08 - “Os dois caçadores e a Saiona” (dupla) [proposta de produção a partir da história “Dois caçadores e a Saiona”]

Versão 1 - Tomar como referência a história “Dois caçadores e a Saiona” e propor uma reescrita em dupla. No primeiro dia será feita apenas esta versão que deverá ser entregue para a professora. A segunda versão deverá ser feita na semana seguinte.

Versão 2 - Devolver a primeira versão e solicitar aos alunos para que a leiam e verifiquem se querem mudar, acrescentar ou tirar algo. Então, eles passam a limpo, fazendo a segunda versão. Eles não devem mexer na primeira versão. Todas as alterações devem constar na segunda versão. A professora deve ter uma tarefa extra de aula para os alunos que faltaram no dia da primeira versão.

- TEXTO 09 - Quarta história inventada a partir dos seguintes dados: um menino de 7 anos, um homem manco, uma tarde chuvosa. (em dupla)

Versão 1 - Propor aos alunos que criem uma história de terror a partir dos seguintes dados: um menino de 7 anos, um homem manco, uma tarde chuvosa.

Versão 2 - Entregar outra folha pautada para os alunos passarem a história a limpo.

- TEXTO 10 - Quinta história inventada (livre – dupla)

Versão 1 – Propor aos alunos que criem uma história de terror.

Versão 2 – Entregar outra folha pautada para os alunos passarem a história a limpo.

- TEXTO 11 – Sexta história inventada, a partir do título “A casa do senhor Malévolo” (dupla)

Versão 1 – Propor aos alunos que criem uma história de terror a partir do título “A casa do senhor Malévolo”.

Versão 2 – Entregar outra folha pautada para os alunos passarem a história a limpo.

- TEXTO 12 - Quarta descrição de um personagem de terror. (dupla)

Versão 1 - Tomar como referência os personagens de terror dos contos lidos e propor a descrição de um personagem misturando características de outros personagens.

Versão 2 - Entregar outra folha pautada para os alunos passarem o texto a limpo.

Desenho - Entregar uma folha de ofício para os alunos desenharem o personagem descrito.

- TEXTO 13 - Sétima história inventada. (livre – dupla)

Versão 1 - Propor aos alunos que criem uma história de terror.

Versão 2 - Entregar outra folha pautada para os alunos passarem a história a limpo.

- TEXTO 14 - Oitava história inventada. (livre – dupla)

Versão 1 - Propor aos alunos que criem uma história de terror.

Versão 2 – Entregar outra folha pautada para os alunos passarem a história a limpo.

3.2 Sintagma nominal e concordância nominal: a escolha das categorias

O trabalho com “sintagmas nominais” com problemas na sintaxe de concordância deu-se pelo “estranhamento” que, *a priori*, nos causou a composição de “sintagmas nominais” que formam a fórmula dos contos de fada “era uma vez”. Assim, as categorias trabalhadas nesta dissertação foram: “sintagma nominal” e “concordância nominal”. Já que, é por causa da falta de concordância de gênero em sintagmas nominais que tentamos lançar algumas interpretações sobre o processo de aquisição de escrita de alunos do EJA. Para a descrição das categorias, decidimos partir dos postulados de gramáticos e linguistas, a fim de entender qual o tratamento dado a elas, para então, ver como os *scriptores* jovens e adultos as grafavam.

No capítulo de análise, concatenamos os enunciados analisado pela semelhança no tipo de ocorrência. Em primeiro lugar, trouxemos os “sintagmas nominais” com “problema” de “concordância nominal” na fórmula “era uma vez”; em seguida, apresentamos aqueles, que além de trazer um caso semelhante ao anterior, manifestavam “sintagmas nominais” outros, também com “erro” de concordância. Em seguida, analisamos as ocorrências que não apresentavam “era uma vez”, mas que tinham inadequações na sintaxe de concordância em outros SNs.

4 MANUSCRITO VS “SCRIPTOR”: O CONFRONTO ENTRE A CANETA E O PAPEL

A análise dos dados incidirá sobre 13 manuscritos, ou melhor, sobre a quebra de concordância em 20 “sintagmas nominais”, que se deu, geralmente, na tentativa de grafar a fórmula “era uma vez”, marco dos “contos de fada”. Analisaremos SNs “malformados” que quebram a(s) regra(a)s da sintaxe de “concordância nominal” de gênero, como também aqueles cuja grafia ainda não está estabilizada, ora apresentando ora deixando de apresentar elementos que ajudem a compor formas estabilizadas de “sintagmas nominais”.

1 Primeiro tipo de ocorrência.

1.1 “Era um vez uma menina...” “...no seto dia...”

A expressão “era uma vez”, em histórias inventadas, com quebra na concordância do “sintagma nominal” “uma vez” foi detectada em 7 manuscritos escritos por 6 duplas diferentes. Analisaremos logo em seguida cada uma destas ocorrências²⁸.

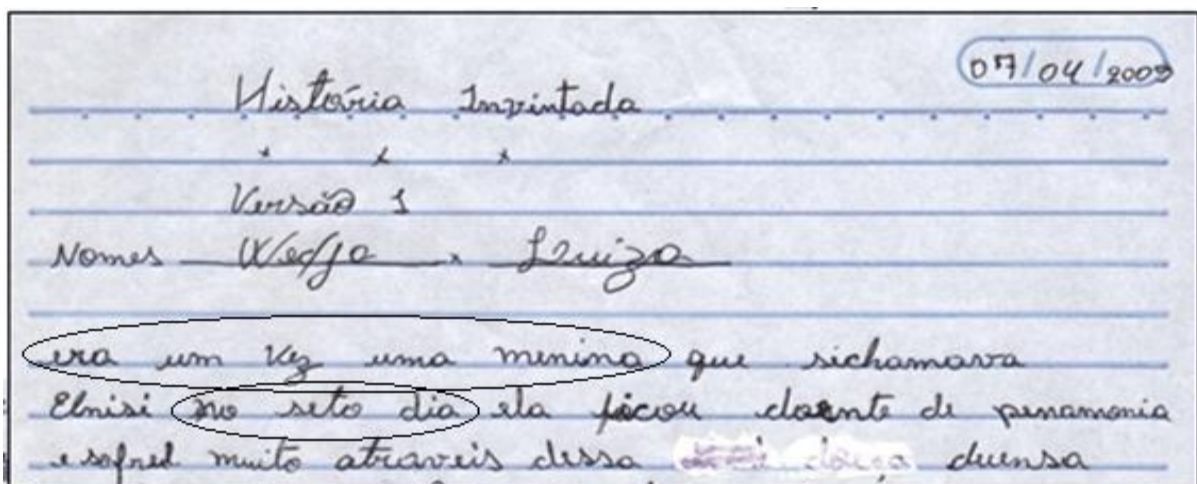


FIGURA 1: extrato do manuscrito 1.

Fonte: “História inventada” (Wedja e Luiza), 07/04/2005.

²⁸ Os enunciados selecionados nesta parte da análise são compostos por sintagma nominais com problemas de concordância nominal entre os determinantes e os nomes que os compõem. Nos casos selecionados aqui discutiremos, especificamente, a estrutura “era uma vez”, e a quebra na concordância nominal entre “uma” (artigo indefinido feminino) e “vez” (substantivo feminino).

Transcrição diplomática²⁹ do manuscrito 1: “História invintada” (Wedja e Luiza), 07/04/2005.

1.	História Invintada 07/04/2005
2.	x x x
3.	Versão 1
4.	Nomes <u>Wedja</u> x <u>Luiza</u>
5.	Era um vez uma menina que sichamava
6.	Elnis no seto dia ela ficou doente de penamonia
7.	E sofrel muito atraveís dessa duensa

O manuscrito de Wedja e Luiza, escrito em 07/04/2005, não recebeu um título e traz, no trecho selecionado, dois problemas relacionados à “concordância nominal”. O primeiro está na fórmula “era uma vez”, grafado “era um vez” e o segundo em outra fórmula, porém menos frequente em “contos de assombração”, “um certo dia”, grafado “no certo dia”.

Um primeiro ponto a observar é o fato de que o “sintagma nominal” “uma menina”, escrito imediatamente após “um vez”, não apresenta quebra em sua ocorrência, o que nos causa um estranhamento, fazendo-nos refletir o porquê os *scriptores*, não grafou “corretamente” uma expressão tão comum do universo ficcional.

Se observarmos atentamente o manuscrito das alunas, perceberemos que, salvo os “erros” ortográficos, a escrita das meninas possui critérios bons de textualidade: coesão, os “laços” durante a produção vão se estabelecendo; coerência, os sentidos são claros, entre outros critérios. Porém, na hora da produção de “era uma vez”, ocorre à quebra na sintaxe de “concordância nominal”. Para explicar esta ocorrência, com base no referencial teórico adotado, lançaremos algumas interpretações.

Tomando como base os processos metafórico e metonímico como os eixos que comandam o funcionamento linguístico-discursivo, acreditamos na interferência metafórica de outros significantes na construção de “um vez”. Por exemplo, no lugar de “vez”, Wedja e Luiza poderiam ter escrito o significante “dia”, mas ao invés disto,

²⁹ Optamos pela escolha da transcrição diplomática, conforme Calil (2008), no intuito de preservar os acontecimentos da escrita.

utilizou uma expressão já vista e ouvida de outros textos, causando assim um “estranhamento” na construção do “sintagma”.

Apoiado nos trabalhos de (Calil (2004 e 2007); Felipeto (2007) e Calil & Felipeto (2008)), o “estranhamento” aqui produzido evidencia a interferência da *alíngua* na língua, já que fez surgir uma forma significativa, no que concerne a sintaxe de concordância, não prevista pela língua, irrompendo assim com as suas formas estabilizadas, mas que, quando se trata do enunciador desta língua, tudo pode acontecer, o previsível cede lugar ao imprevisível, provando que na língua, por mais que se tente descreve-la, como vimos em (Perini (2007) e Azeredo (2008)), a algo que escapa, que não se apreende, e que mostra que a língua é “Não-toda”, que nela há o estabilizado mais também que há algo que escapa. (MILNER, 1987)

A instabilidade no uso de determinantes também pode ter contribuído para a escrita da fórmula “no seto dia”, linha 6 do manuscrito. A concorrência entre determinantes: “o”, “um”, como também em “num”, contração da preposição “em” mais o artigo indefinido “um”, pode ter originado o vocábulo “no”. Esta expressão, “no seto dia”, perdeu um pouco do estatuto de ficcionalidade, parecendo, o uso de “no”, marcar um momento vivido e/ou sabido pelos escreventes.

2 Segundo tipo de ocorrência

2.1 “Era um vez o homem...”

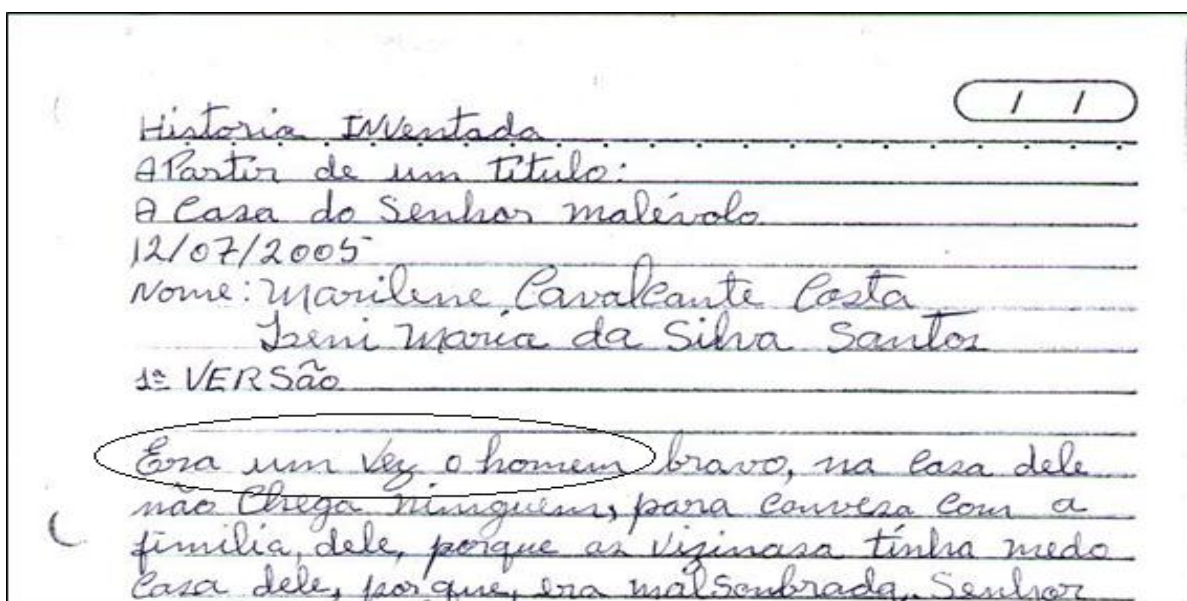


FIGURA 2: extrato do manuscrito 2.

Fonte: “A casa do senhor malévolo” (Marilene e Leni), 12/07/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 2: “A casa do senhor malévolo” (Marilene e Leni),
12/07/2005

1.	Historia INVentada
2.	A Partir de um Título:
3.	A Casa do Senhor malévolo
4.	12/07/2005
5.	Nome: Marilene Cavalcante Costa
6.	Leni Maria da Silva Santos
7.	1ª VERSÃO
8.	
9.	Era um Vez o homem bravo, na casa dele
10.	não Chega ninguém, para conversa com a
11.	fimilia, dele, porque as vizinasa tinha medo
12.	casa dele, por que, era malSombrada. Senhor

De forma semelhante ao manuscrito de Wedja e Luiza, “um vez” também aparece no início da história inventada produzida por Marilene e Leni. A história inventada foi produzida a partir do título “A casa do senhor malévolo”. Mais uma vez nos deparamos com um manuscrito bem produzido, que, em parte, se adequa as normas ortográficas da língua. Porém, ao iniciar a sua história, a dupla também escreve o “sintagma nominal” “um Vez” na construção do “sintagma verbal” “era uma vez”.

Aqui também, além da provável interferência metafórica ocorrida, por exemplo: Era um [homem], Era um [senhor]; o uso do determinante “um”, de “um Vez”, pode ter sido usado de forma metonímica, o deslizamento pode ter ocorrido de “um”, de “um título”, expresso na consigna.

O uso de determinantes parece ser algo que ainda não está estabilizado na escrita destes jovens e adultos, principalmente no início das suas produções. Talvez, esta dificuldade ocorra, pela dificuldade que se tem ao iniciar qualquer tipo de produção de texto escrito, principalmente para estes jovens e adultos, recém-alfabetizados. Assim, torna-se maior a interferência metafórica de formas significantes latentes na produção de construções inesperadas como esta.

Há, neste e em outros dados, um “estranhamento” na sintaxe de concordância entre determinante e nome na construção de “era uma vez”, pois neste caso, o uso de um determinante masculino junto a um substantivo feminino, “um

Vez”, abre a possibilidade de se pensar que este determinante não esteja concordando com vez, mais sim com uma outra forma significativa que esteja latente, ou que já tenha sido manifesta neste ou em outro texto.

Isto pode ser evidenciado, como veremos posteriormente, no manuscrito 3, de 19/04/2005, também produzido por Maria Salete, cuja escrita reconhecemos em ambos manuscritos. O “um vez” também aparecerá em outros manuscritos evidenciando que esta repetição na escrita de Marilene, por exemplo, só vem a corroborar com os trabalhos que defendem que há um funcionamento próprio da língua agindo sobre aquilo que escrevemos e/ou falamos.

3 Terceiro tipo de ocorrência

3.1 “Era um vez um menina”

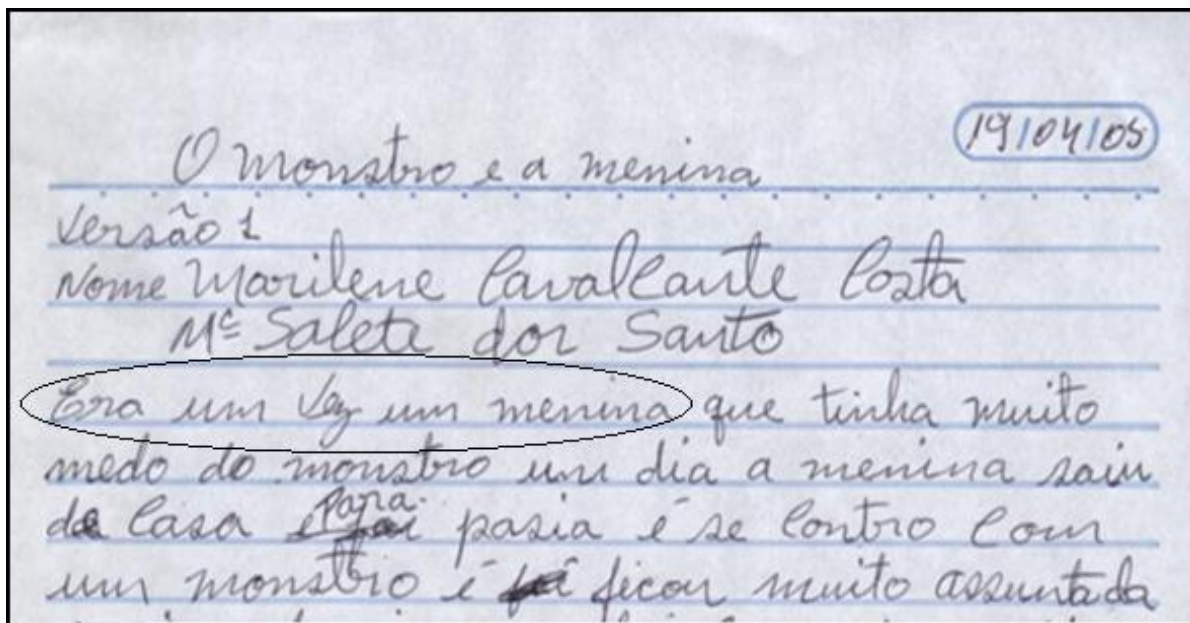


FIGURA 3: extrato do manuscrito 3.

Fonte: “O monstro e a menina” (Marilene e Mª Salete), 19/04/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 3: “O monstro e a menina” (Marilene e M^a Salete),
19/04/2005

1.	O monstro e a menina 19/04/05
2.	Versão 1
3.	Nome Marilene Cavalcante Costa
4.	M ^a Salete dos Santo
5.	Era um vez um menina que tinha muito
6.	medo do monstro um dia a menina saiu
7.	de casa e ^{passa} foi passa é se contro com
8.	um monstro é foi ficou muito assuntada

Neste enunciado, recorte do manuscrito “O monstro e a menina”, produzido a partir de um título pré-estabelecido, “mesmo havendo uma certa estabilização na escrita de Marilene e Salete, há a presença de “sintagmas nominais” “estranhos”. O primeiro, “um vez”, na linha 5, dar-se pela junção do determinante “um” com o substantivo “vez”. Este dado só vem reforçar o que os outros dados já evidenciaram sobre a disputa de formas significantes para entrar na cadeia manifesta, disputa esta, ocorrida aqui, entre os determinantes “um” e “uma”, provavelmente.

“Um vez”, na linha cinco, desestruturou a expressão “era uma menina”, por exemplo. O “um vez” produziu, como efeito da sua entrada metafórica, “era um vez um menina”. “Um vez”, além da quebra na concordância indiciada entre os seus constituintes, parece, também, influir metonimicamente na composição do sintagma “um menina”, através do deslizamento que ocorre do determinante “um”, de “um vez”, para a expressão “um menina”.

Se atentarmos, neste manuscrito, para a escrita de outros SNs semelhantes aos que estamos analisando, verificaremos que eles não tiveram nenhum “problema” de concordância nas suas formações. “Um dia”, na linha seis, e “um monstro”, na linha oito, faz-nos refletir, não somente no fato de estes *scriptores* parecerem não ter dominado o uso dos determinantes, mas como estamos defendendo, há também, uma interferência metonímica e metafórica da língua na construção da escrita destes escreventes.

O cruzamento de cadeias parece ter ocorrido entre “sintagmas nominais” já estabilizados no universo ficcional dos contos de assombração, como é o caso dos

“sintagmas” presentes no manuscrito: “um vez” e “um menina” parece ter sido influenciado por outros SNs, alguns manifestos e outros latentes no manuscrito, por exemplo: “um dia”, “um monstro”, “uma vez”, “um tempo”, “uma época”.

4 Terceiro tipo de ocorrência

4.1 “Era um menino”... “...umtade”

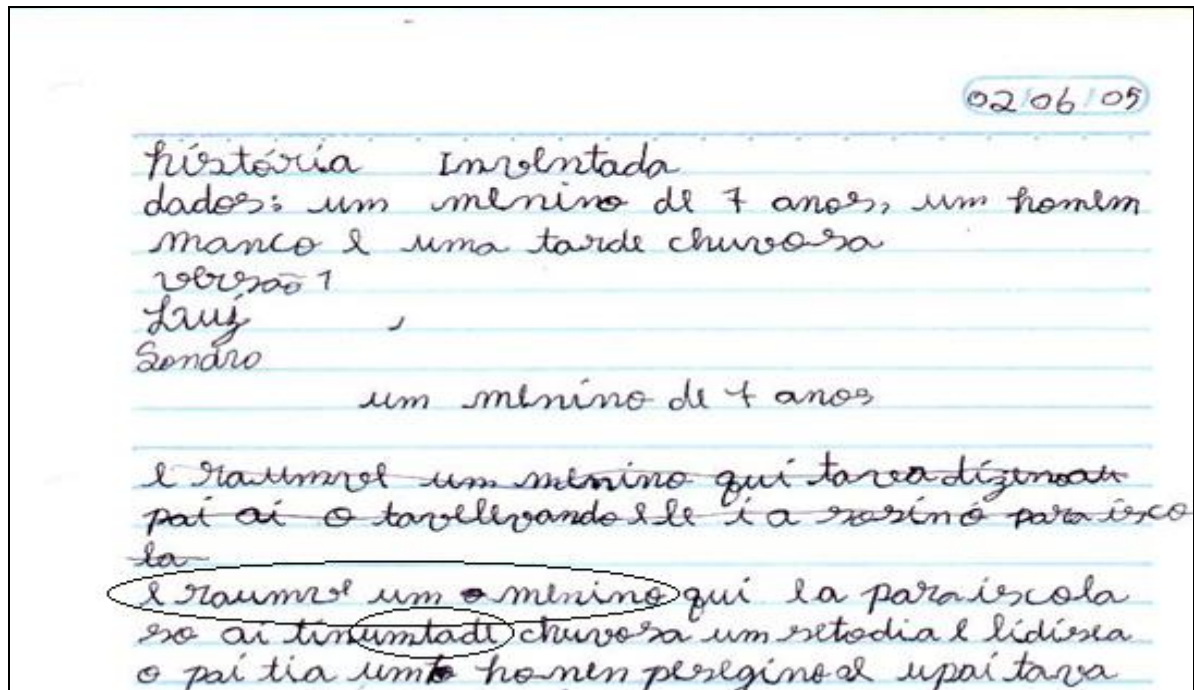


FIGURA 4: extrato do manuscrito 4.

Fonte: “um menino de 7 anos” (Luiz e Sandro), 02/06/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 4: “Um menino de 7 anos” (Luiz e Sandro),
02/06/2005

1.		02/06/05
2.	história Inventada	
3.	dados: um menino de 7 anos, um homem	
4.	Manco e uma tarde chuvosa	
5.	versão 1	
6.	Luiz	
7.	Sandro	
8.	Um menino de 7 anos	
9.	e ramunve um menino qui tava dizenau	
10.	pai ai tavelevando e le i a sosin o para isee	
11.	La	
12.	e raumve um o menino qui e a para iscola	
13.	so ai tinumtade chuvosa um setodia e li di sea	
14.	o pai tia um honen pesegino ae upai tava	

Observamos neste manuscrito que, apesar das orientações propostas pela professora, quando pediu para os *scriptores* escreverem, a partir dos elementos: “um menino de 7 anos”, “um homem manco” e “uma tarde chuvosa”, os alunos não “escutaram” a composição da estrutura dos SNs que compunham as informações.

Já no início do manuscrito de Luiz e Sandro, mais precisamente no título, que os alunos repetem logo em seguida, vê-se a repetição de parte deste título, o sintagma nominal “um menino”, concatenado após a expressão “eraumve”. O “problema” na composição da “concordância nominal” estabelecida entre o determinante “um” e o nome “vez”, parece ter sido causada por uma possível interferência metonímica do “um”, de “um menino”. Estas estruturas formadas a partir do cruzamento de outras, isto é, a partir da disputa de estruturas que estão em concorrência para entrar na cadeia significante, mais uma vez, desestabilizam as regras de “concordância nominal” da língua portuguesa.

Na linha 13 do manuscrito, tem-se o “sintagma nominal” “umtade” evidenciando, mais uma vez uma estrutura que desestabiliza a concordância entre os constituintes do SN. O “estranhamento” ocorre devido a falta de concordância de gênero entre o determinante “uma”, e o substantivo “tarde”, abrindo possibilidade para a ação do funcionamento da língua sobre a escrita do “sintagma”, surgindo assim, “umtade”.

Mesmo a rasura não sendo nosso objeto de estudo, nos chama atenção aquela que os *scriptores* realizam, como por exemplo, nas linhas 9 e 10, rescrevendo o período, que mesmo assim, apesar de ter rasurado, o que indicaria uma reformulação da escrita, como foi o caso, em parte, o início da história, com “e raumve”, permaneceu da mesma forma, o que indica, que apesar da rasura indiciar uma escuta daquela que escreve para com a sua escrita, não funcionou para a escrita do “era uma vez”, como também não houve escuta pelos *scriptores* de dados que já tinham sido dados pela professora na consigna, como é o caso de “uma tarde”, linha 4, que, embora já tivesse sido dada a forma estabilizada do sintagma, não foi reescrito da mesma forma.

Provavelmente, houve um deslizamento, de forma metonímica, do determinante “um”, seja dos sintagmas que formam a consigna: “um menino”, repetido no título “um homem manco”, ou do próprio texto, já que, como vimos logo no início do texto, temos “umve” e “um ~~e~~ menino”, este último, mais uma vez, evidenciando a tensão, por meio da rasura de “e”, dos *scriptores* em usar os determinantes seus manuscritos.

5 Quinto tipo de ocorrência

5.1 “Era um veí um cidade”

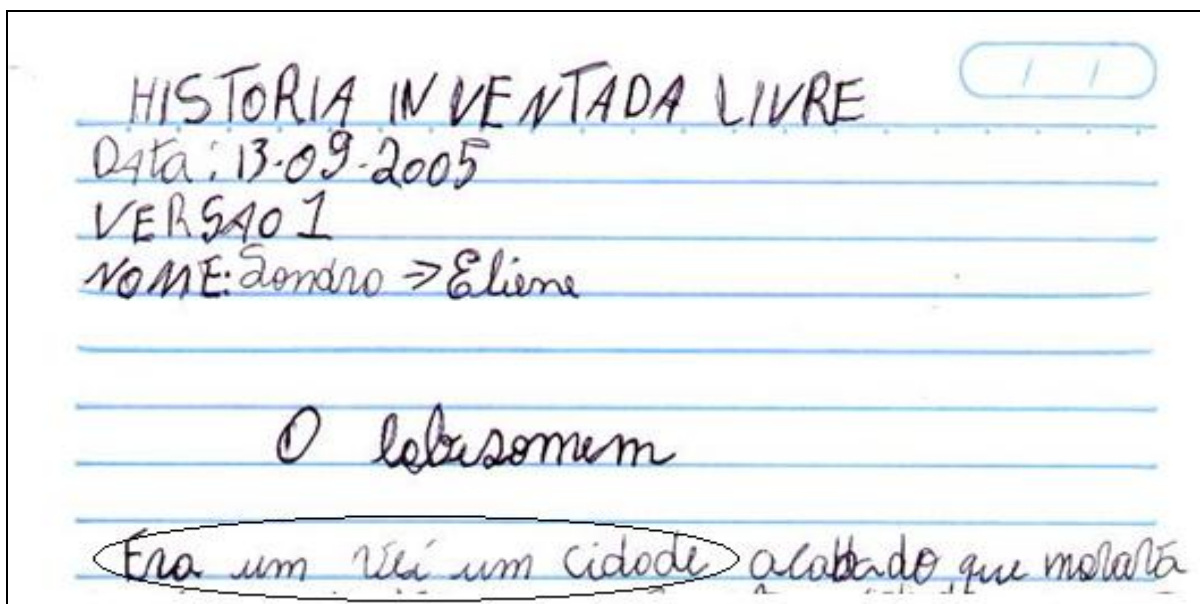


FIGURA 5: extrato do manuscrito 5.

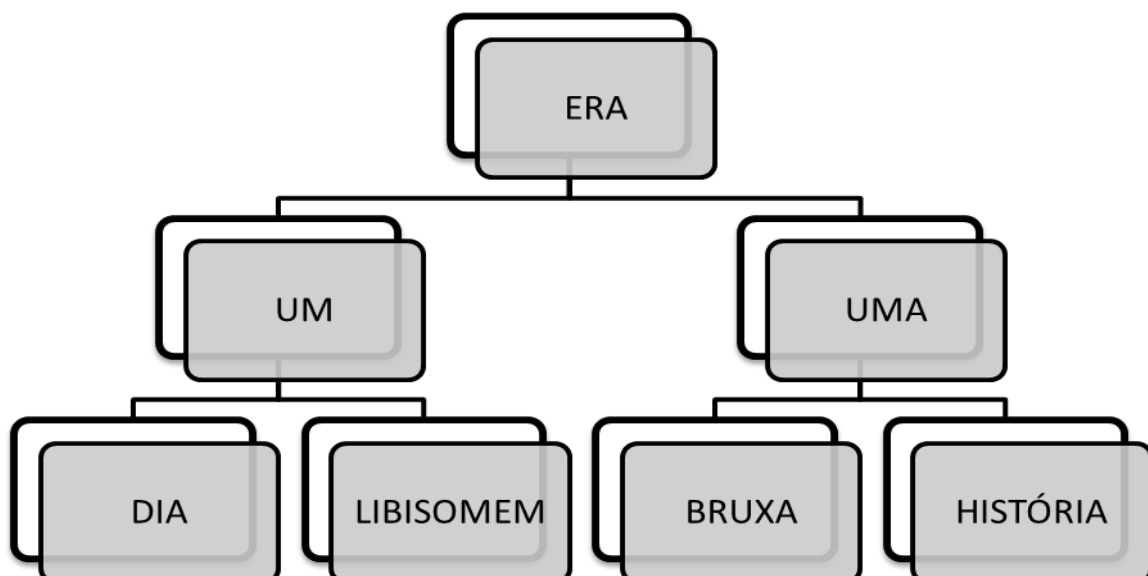
Fonte: “O lobisomem” (Sandro e Eliene), 13/09/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 5: “O lobisomem” (Sandro e Eliene), 13/09/2005

1.	HISTORIA INVENTADA LIVRE
2.	DATA: 13-09-2005
3.	VERSAO 1
4.	NOME: Sandro -> Eliene
5.	
6.	
7.	O lobisomem
8.	Era um veí um cidade acabado que morava

O manuscrito, produzido por Sandro e Eliene de forma livre, intitulado por eles de “O lobisomem”, traz a abertura da narrativa ficcional com a clássica fórmula linguística que caracteriza os contos de fada, porém com alguns “problemas” no SN que lhe compõe. Em “umveí”, linha 8, o que interroga não é o apoio na oralidade que a escrita da palavra “veí” indicaria, mas o fato de, apesar de ser estabilizado nesse gênero, o enunciado “era uma vez” emerge no manuscrito dos alunos, Sandro e Eliene, de forma “estranha”. Deter-nos-emos, portanto, na presença da forma “um” e no que ela indicia, ou seja, a “má formação” na sintaxe de concordância que se estabelece entre as partes do “sintagma”.

O que nos indaga é por que justamente em uma fórmula canônica, como “era uma vez”, há esse tipo de concordância?



Neste caso temos a disputa de estruturas que estão em concorrência para entrar na cadeia significativa. Essa concorrência de estruturas parece ser uma característica dos processos iniciais de aquisição de linguagem, como bem expõe Lemos. Teríamos aí um cruzamento entre “era um”, enunciado cristalizado para esse sujeito e o que restou de “era uma vez”, no caso, preponderantemente, “vez”.

Já, no SN “um cidade”, a grafia de “um”, parece ter sido escrita “como um estatuto de bloco congelado”, pois, como afirma Calil (2004, p.349), entra na cadeia sem produzir estranhamento para o sujeito. Isso se deu através do deslize metonímico do “um”, de “umvel”, para o “sintagma nominal” “um cidade”, é como uma cola que o sujeito realiza sem perceber sobre aquilo que escreve.

É interessante, ressaltar, que, tanto este manuscrito, quanto o manuscrito anterior, apresentam problemas na sintaxe de concordância do SN “uma vez”, e que, em ambos, houve a participação do *scriptor* Sandro, porém, diferente da grafia de Marilene, que aparece em 4 manuscritos, não conseguimos identificar se é, realmente, o Sandro quem escreve, e assim, poder acompanhar a sua escrita.

6 Sexto tipo de ocorrência

6.1 “Era vez um rapais”

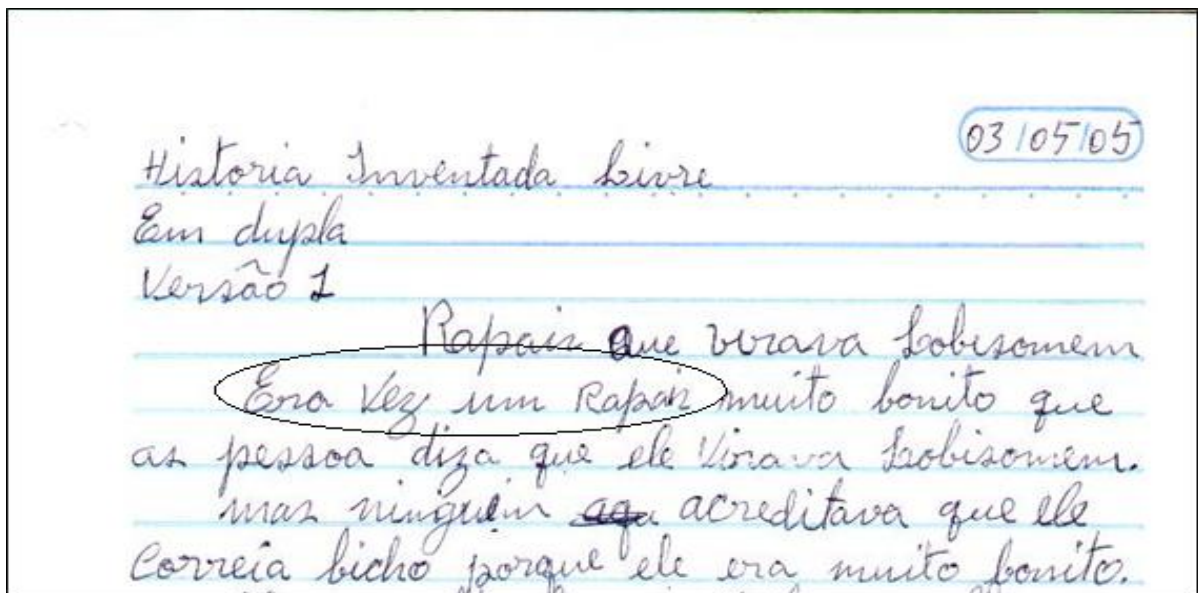


FIGURA 6: extrato do manuscrito 6.

Fonte: “Historia Inventada Livre” (Marilene e M^a Salete), 03/05/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 6: "Historia Inventada Livre" (Marilene e M^a Salete),
03/05/2005

1.	Historia Inventada Livre	03/05/05
2.	Em dupla	
3.	Versão 1	
4.	Rapais Que virava lobisomem	
5.	Era Vez um Rapais muito bonito que	
6.	as pessoa diza que ele virava Lobisomem.	
7.	Mas ninguém aq acreditava que ele	
8.	Correia bicho porque ele era muito bonito.	

7 Sétimo tipo de ocorrência

7.1 "...Era ves\uma ves aUma mulrer"

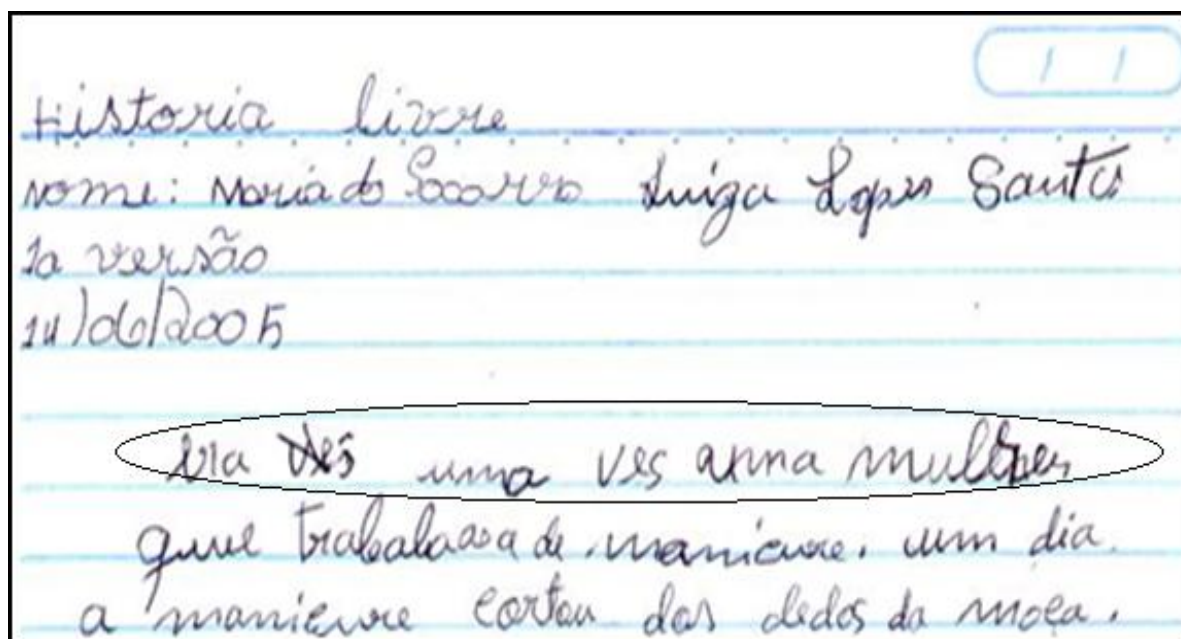


FIGURA 7: extrato do manuscrito 7.

Fonte: "História Livre" (M^a do Socorro e Luiza), 14/06/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 7: “História Livre” (M^a do Socorro e Luiza),
14/06/2005

1.	Historia livre
2.	Nome: Maria do Socorro Luiza Lopes Santos
3.	1ª versão
4.	14)06/2005
5.	
6.	era vés uma vez a Uma mulrer
7.	que trabalasa de .manicure, um dia.
8.	a manicure cortou dos dedos da moça.

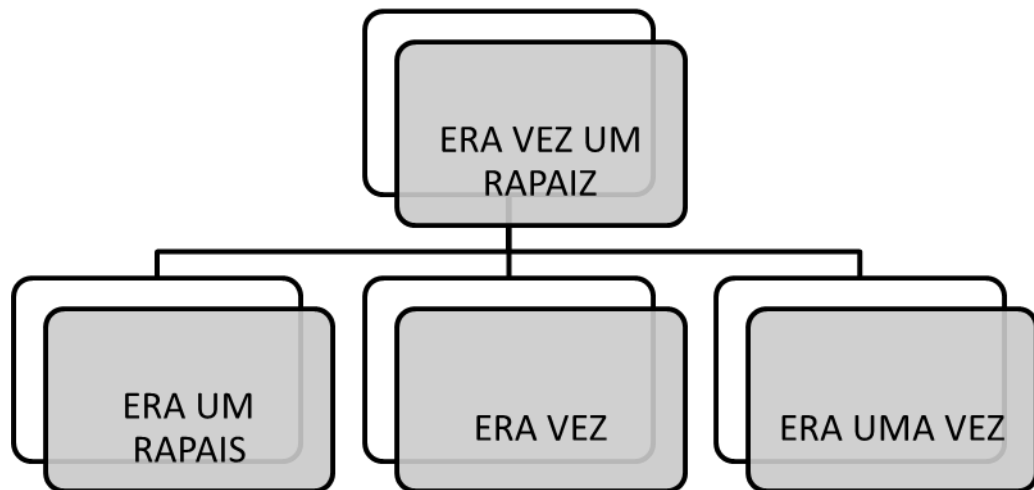
Os “sintagmas verbais”³⁰ “era Vez”, e “era vés”, manuscrito 6 e 7, respectivamente, escritos, a partir da consigna “história livre”, por Marilene e Maria Salete, Maria do Socorro e Luiza, são considerados “estranhos” pela convergência do verbo “era” com o substantivo “vez”. Neste tipo de produção, o verbo “era”, quando anteposto a um substantivo, não costuma ser ligado a ele sem que haja a mediação de um determinante. Isso ocorre, principalmente, em narrativas formadas a partir de histórias inventadas, que têm como uma das suas características narrar um fato no passado de forma mais generalizante, isto é, sem singularizar os personagens, acontecimentos, tempo etc. O que há é a narração de algo que ocorreu em “um lugar”, com “uma pessoa”, e em “um momento” no passado. Por isso, é fundamental o uso dos artigos indefinidos no início desse tipo de texto.

O verbo “era” junto a um nome é próprio das passagens descritivas que fazem parte da narrativa. Isso ocorre quando os elementos que a compõem são descritos, mas que na expressão “era uma vez” necessita-se da inserção de um determinante entre o verbo e o nome.

Porém, o que nos parece ter ocorrido no manuscrito 06 foi o cruzamento entre as expressões “era uma vez” e “era um rapais”, escritas na linha cinco do manuscrito como “era Vez um rapais”. O “vez”, do “era uma vez”, irrompeu a

³⁰ Este manuscrito e os que seguem a parti dele, mesmo não trazendo concordância “equivoca” entre os constituintes de um SN, são essenciais na análise para demonstrar o que causa a falta de um determinante, o que pode gerar na estrutura estabilizada da língua portuguesa.

expressão “era um rapais”, causando, assim, um efeito de estranhamento no manuscrito.



Verifiquemos que no manuscrito 6, os *scriptores* são os mesmos do manuscrito 3, e que agora, diferente da produção anterior da dupla, o determinante “um” de “era uma vez” ficou latente, que, como dissemos acima, o “vez” veio foi colado irrompeu a expressão “Era um Rapais”, provocando um efeito de estranhamento sobre aquilo que foi produzido: “Era Vez um Rapais”.

Já no manuscrito 7, temos, na linha 6, o enunciado “era ves uma ves auma mulrer”, em que Maria do Socorro e Luiza, além de também escrever o sintagma verbal “era ves”, sem a inclusão de um determinante entre o verbo e o nome, “passam por um momento de tensão, tanto na escrita do substantivo ves, rasurado, quanto na escrita do determinante “uma”, contornando o “a”, e na escrita de “auma”, de “auma mulrer”, também contornando o “a” de “auma”.

O “ves”, rasurado, deste manuscrito, parece também ter entrado, tal como no manuscrito 6, de forma metafórica no enunciado “era uma ves auma mulrer”, levando-nos a defender que para a construção de “era ves uma ves auma mulrer”, houve o cruzamento de “era uma vez” com “era uma mulher”, entre outras possibilidades.

Nos próximos manuscritos, o nosso olhar recairá sobre “sintagmas nominais” que, apesar de não evidenciar a fórmula “era uma vez”, parece ter sofrido

interferência dela para as suas composições; como também SNs “mal formados” sem estarem relacionados ao “era uma vez”.

8 Oitavo tipo de ocorrência

8.1 “Era o dia homem casado”

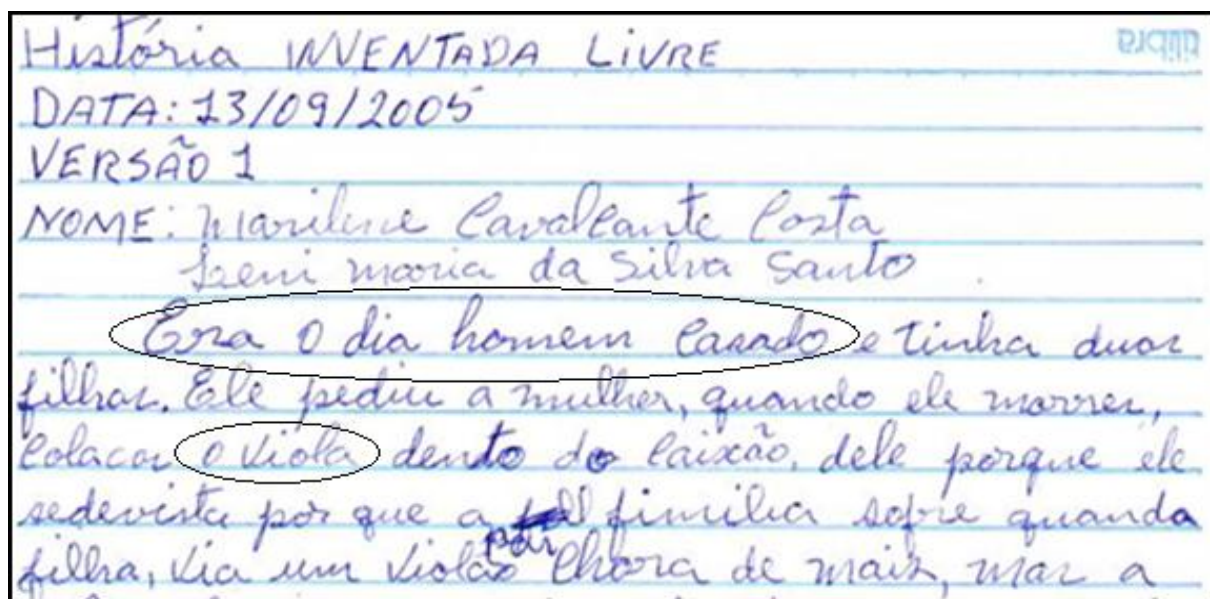


FIGURA 8: extrato do manuscrito 8.

Fonte: “História inventada livre” (Marilene e Leni), 13/09/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 8: “História INVENTADA LIVRE” (Marilene e Leni), 13/09/2005

1.	História INVENTADA LIVRE
2.	DATA: 13/09/2005
3.	VERSÃO 1
4.	NOME: Marilene Cavalcante Costa
5.	Leni Maria da Silva Santo
6.	Era o dia homem casado e tinha duas
7.	filhas. Ele pediu a mulher, quando ele morrer,
8.	colocar o violão dentro do caixão, dele porque ele
9.	sedevista por que a família sofre quando
10.	filha, via um violão ^{par} chora de mais, mas a

Neste manuscrito, história inventada livre, produzido por Marilene e Leni, destacamos a concordância “estranha” que ocorre no sintagma nominal “o viola”, linha 8 do manuscrito. Este tipo de concordância parece ter ocorrido por interferência do eixo metafórica sobre o eixo metonímico, pressão exercida pelo funcionamento linguístico-discursivo da língua, a qual é imprevisível a sua atuação, resultando em formas significantes como esta apresentada neste trabalho.

Vejamos que na linha 10 do manuscrito que Marilene e Leni trazem um “sintagma nominal” estabilizado na língua portuguesa. “Um violão” é usado aqui sem nenhum “problema de concordância”, tão pouco algo indicia uma possível dificuldade na escrita do “sintagma”, porém, como vimos antes, as meninas grafam, na linha 8, “o viola”, “sintagma” que serviu de base para ser referenciado por “um violão”, o que não ocorreu, quebrando assim um princípio coesivo do texto.

Contudo, inferimos que há uma certa coesão entre estes dois “sintagmas”, pois, ao considerarmos que “um viola” formou-se pela concorrência metafórica de outros sintagmas como: “o dia”, “um violão”, por exemplo, pode-se, com efeito, se não fosse a interferência do funcionamento linguístico-discursivo da língua sobre o dado, provavelmente, ao invés de “o viola”, os *scriptores* escreveriam “um violão”.

Embora não haja “problema” de “concordância nominal”, destacamos também, neste manuscrito, o enunciado “Era o dia homem casado”, Este enunciado, onde evidenciamos uma combinação diferente na composição das estruturas, mostra a presença de pelo menos outras três expressões que interferiram na sua formação.

O “sintagma nominal” “o dia” é quem parece interferir neste “efeito de estranhamento”. “O dia” veio colado logo depois do verbo “era”, da expressão “era uma vez”, entrando de forma metafórica no enunciado, e provavelmente, deixando latente outras formas significantes, como, por exemplo, “vez” / “uma vez”. Por isso, temos como resultado da interferência do processo metafórico, que sofre/ enquadra enunciados em uma arena de conflitos, formas significantes bem distintas das canônicas da língua.



Ainda em “Era o dia homem casado”, verificamos a entrada do substantivo “homem” sem nenhuma “ligação” sintático-semântica com o substantivo que o antecede, “dia”, provocando, assim, através da ausência de um determinante, artigo indefinido masculino, um “efeito de quebra sintática” entre as partes.

Se atentarmos para o segundo manuscrito, verificaremos que são Marilene e Leni quem o produz, e que em seu início aparece à expressão “Era uma vez o homem”. Destacamos aqui que a escrita de “o homem”, “sintagma” produzido em tal manuscrito, pode ter interferido na produção do manuscrito oito; marcando assim o indício da interferência de outros textos, neste caso o de Marilene e Leni, escrita de jovens e adultos.

9 Nono tipo de ocorrência

9.1 “Era umoça”

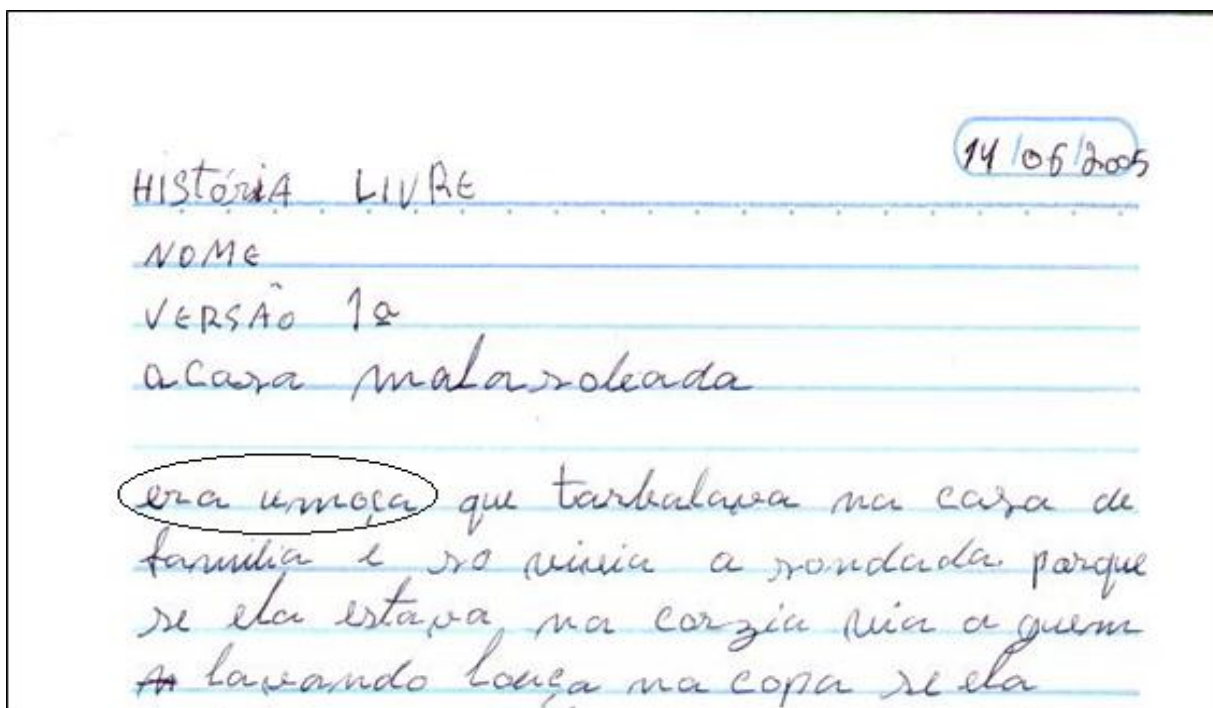


FIGURA 9: extrato do manuscrito 9.

Fonte: “a casa malasobada” (Ivete e Cicera), 14/06/2005

Transcrição diplomática do manuscrito 9: “a casa malasobada” (Ivete e Cicera), 14/06/2005

1.	HISTÓRIA LIVRE	14/06/2005
2.	NOME	
3.	VERSÃO 1ª	
4.	A casa malasobada	
5.		
6.	era umoça que tarbalava na casa de	
7.	família e so vivia a sondada porque	
8.	se ela estava na corzia via a quem	
9.	A lavando louça na copa se ela	

“Umoça”, “sintagma nominal” que compõe o enunciado “era umoça”, linha seis do manuscrito 9, história livre produzida por Ivete e Cícera, intitulada de “A casa malasobada”, parece romper com a estrutura estabilizada da fórmula dos contos

fada “era uma vez”. O que ocorre aqui se assemelha ao manuscrito dez, de Edson e Lislane, que reduz o uso dos determinantes “uma”, para “ua”, em “ua pade”, e “um”, para “u”, em “u pade”, deixando marcado no determinante o gênero do substantivo a que se refere, como é o caso de “u pade”, ou possibilita uma indicação de outro referentes para ele, ou como estamos defendendo, faz referência a um substantivo que compõem ou outro “sintagma nominal”, latente ou manifesto no próprio manuscrito, como é o caso de “ua pade”.

O “sintagma nominal” “umoça” evidencia uma quebra na sintaxe de concordância entre os seus constituintes, trazendo “u”/um, artigo indefinido masculino, amalgamado com o substantivo feminino moça, formando assim um “sintagma nominal” não previsto pela língua, e que a desestabiliza, abrindo possibilidade para outras formações inesperadas. (MILNER, 1987)

Tanto a colocação “inesperada” de “sintagmas nominais” em posições canônicas da escrita de certos gêneros textuais, como a constituição desses mesmos “sintagmas” por constituintes de gêneros diferentes, não previsíveis na/pela língua, abre a possibilidade para que entendamos o funcionamento linguístico-discursivo da língua, esta assumida aqui por nós, como falha, inapreensível em sua totalidade, capaz de nos surpreender a todo o momento como possibilidades de língua nunca antes imaginadas. (CALIL, 2004; FELIPETO, 2007)

Possibilidades estas que desestabilizam padrões, cânones da própria língua, formulações, organizações, reformulações, combinações, reorganizações, recombinações de enunciados a todo o momento, um infinito de possibilidades, ou seja, um “Não-Todo” em constante embate com um “Todo”, disputando espaço na cadeia sintagmática. (MILNER, 1987)

10 Nono tipo de ocorrência

10.1 “Era uma veís um mula”... “...ua-pade”... “um mula”...

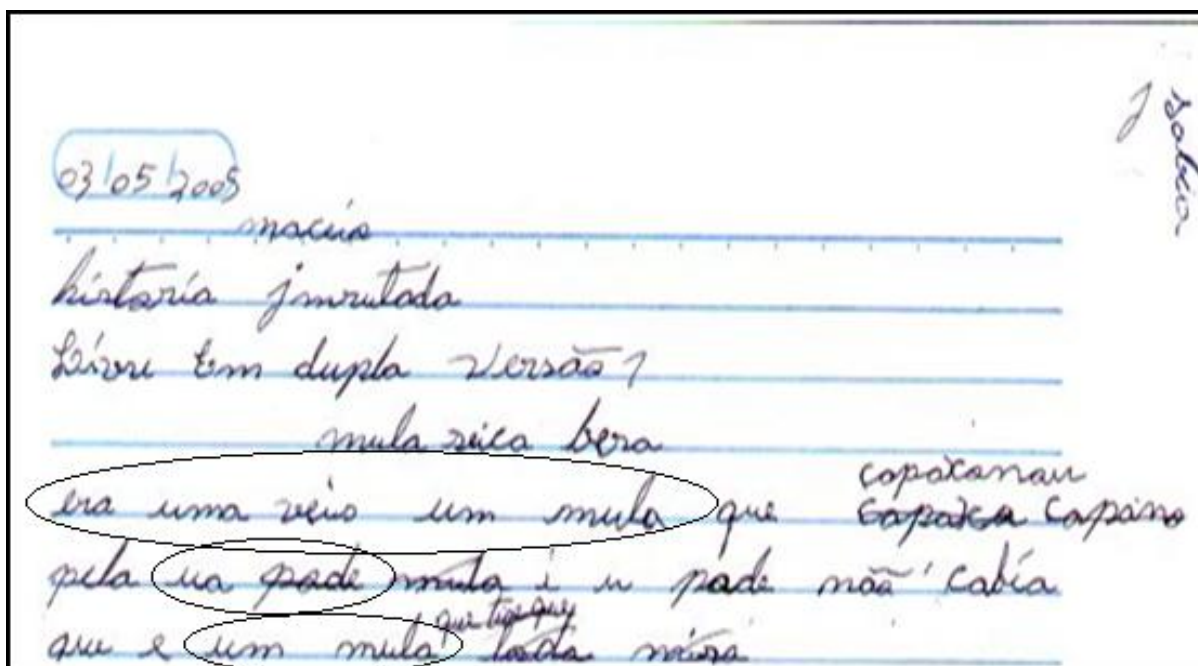


FIGURA 10: extrato do manuscrito 10.

Fonte: “mula seica besa” (Edson e Lislane), 03/05/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 10: “mula seica besa” (Edson e Lislane), 03/05/2005

1.	03/05/2005 maceio
2.	historia jmrutada
3.	Livre Em dupla versão 1
4.	mula seica besa
5.	era uma veís um mula que copaxanau copaxa capano
6.	pela ua pade mula é u pode não ' cabía
7.	que e um mula que ta que toda missa

Analisando o manuscrito, observamos o apoio que os escreventes têm no conto popular lido em sala³¹. A produção pedia uma história livre, como tem

³¹ Mula-sem-cabeça é uma lenda do folclore brasileiro, a sua origem é desconhecida, mas bastante evidenciada em todo Brasil. A mula é literalmente uma mula sem cabeça e que solta fogo pelo

mostrado os trabalhos sobre narrativa ficcional e poesia desenvolvidos por Calil, os alunos, quando “inventam” um texto, apoiam-se no repertório de histórias lidas.

Neste manuscrito, Edson e Lislane trazem fragmentos do conto “mula sem cabeça”, a lenda da “mula sem cabeça”. É comum, nesse processo de ensino, que os alunos tragam, recorram a outros textos para produção dos seus manuscritos.

A quebra na sintaxe de concordância emerge nos SNs:

- linha 5: “um mula”

- linha 6: “~~ua~~ ~~padre~~”

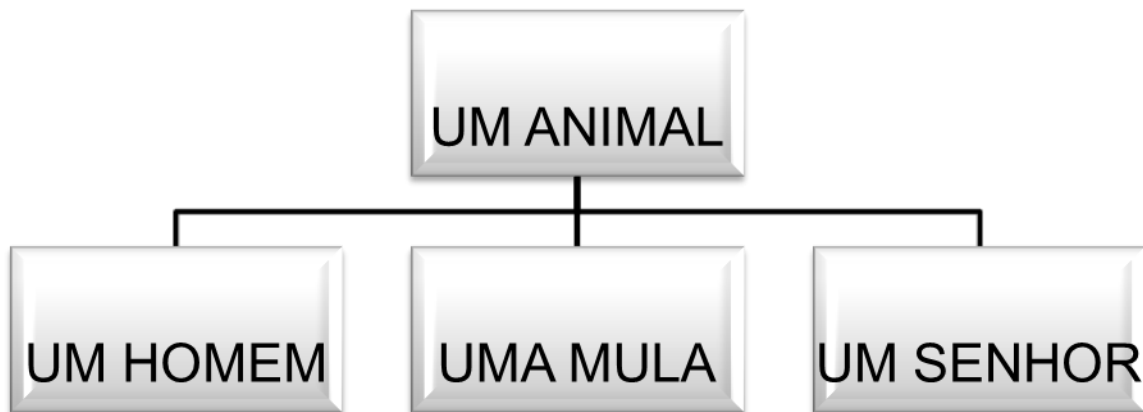
-linha 7: “um mula”

A concordância de “um mula”, linha 5, “~~ua~~ ~~padre~~”, linha 6, “um mula”, linha 7, está relacionada à discordância de gênero entre os elementos que os compõem, gerando assim inconsistência na concordância nominal que deveria haver entre eles.

Neste manuscrito, o que nos interroga é a forma como o *scriptor* grafou o SN “**um mula**”, na quinta e sétima linhas, associando o determinante masculino “um” com um substantivo feminino “mula”, bem como, no SN “~~ua~~ ~~padre~~”, na sexta linha. O “estranhamento” ocorre devido ao fato de o *scriptor* trazer em sua produção escrita a união de um determinante no masculino com um substantivo no feminino, e vice-versa.

Analisaremos primeiro a dupla ocorrência de “um mula”, “sintagma nominal” em que há a entrada de um determinante que não concorda com o núcleo. Nas duas ocorrências de “um mula” temos a entrada do determinante masculino quando era previsível a forma feminina, indício do processo metafórico através da disputa entre os determinantes “**um**” e “**uma**” e da consequente entrada de “**um**” na cadeia manifesta.

pescoço, local onde deveria estar sua cabeça, possui em seus cascos, ferraduras que são de prata ou de aço e apresentam coloração marrom ou preta. Segundo alguns pesquisadores, apesar de ter origem desconhecida, a lenda fez parte da cultura da população que vivia sobre o domínio da Igreja Católica. Segundo a lenda, qualquer mulher que namorasse um padre seria transformada em um monstro, desta forma as mulheres deveriam ver os padres como uma espécie de “santo” e não como homem, se cometessem qualquer pecado com o pensamento em um padre, acabariam se transformando em mula sem cabeça. Segundo a lenda, o encanto somente pode ser quebrado se alguém tirar o freio de ferro que a mula sem cabeça carrega, assim surgirá uma mulher arrependida pelos seus “pecados”. (BRASIL ESCOLA)



Mesmo considerando o que expõe Houaiss (2001) sobre o substantivo “Mula”, enquanto assumindo vários significados: 1. Fêmea do burro ('animal híbrido'), 2. Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil. m.q. operária ('casta de abelhas'), 3. Uso: informal. Bubão venéreo, 4.Regionalismo: Trás-os-Montes. Rubor congestionado da pele das pernas devido à exposição excessiva ao calor da braseira; cabra, 5. Regionalismo: Brasil. Uso: linguagem de drogados. Indivíduo que se faz de correio de drogas, esp. em viagens internacionais, 6. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Indivíduo espertalhão, dissimulado. Sendo, em alguns casos, como, por exemplo, em 5, usado com um determinante no masculino. No caso específico da produção do aluno, ligada fortemente aos textos trabalhados em sala de aula, contos de assombração, história de terror, é nítida a interferência do conto popular “Mula sem cabeça”, referindo ao animal “Mula”, fêmea do burro. Portanto, o determinante que deveria estar relacionado com o substantivo “mula” deveria ser “uma”, artigo indefinido feminino.

Outro “sintagma nominal” que provoca “estranhamento” é “~~ua~~ ~~pade~~”, forma desestabilizada de “um padre”, que foi grafada na mesma linha de “~~ua~~ ~~pade~~”, como “u pade”, fazendo alusão ao “sintagma” “um padre”. Neste dado, apesar do erro ortográfico, verificamos que ouve uma escuta dos *scriptores* em relação a grafia do “sintagma”, já que eles rasuraram “ua pade”, e escreveram logo em seguida “u pade”, respeitando as normas de concordância nominal.

Nessas manifestações que apresentam uma alternância entre estruturas estabilizadas da língua portuguesa e um cruzamento que gera algumas estruturas

não estabilizadas, há a predominância de um dos polos da língua, conforme descrevemos no capítulo teórico, quando o “erro” da escrita do aluno parece sofrer as pressões das cadeias latentes, sem que o sujeito, de sua posição, possa reconhecer nelas qualquer problema. “O erro traz à tona redes de relações entre cadeias, relações estas não mais desencadeadas apenas por estados de coisas no mundo ou por significantes do outro, mas por significantes que circulam na própria fala da criança” (LEMOS, 2002, p.06).

Cada relação conduz os sujeitos a posições e sentidos diversos que, eventualmente, se cruzam. Neste processo, o retorno ao que está já dito possibilita tanto a sua própria ressignificação quanto a ressignificação daquilo que se preveria como sequência. Esta dinâmica não é possível prever, não é possível antecipar. Sempre há um espaço vazio que escapa, que possibilita a ruptura, o equívoco, o reviramento do sentido, mas, ao mesmo tempo, há a eficácia do imaginário produzindo efeito de unidade (CALIL, 2004).

Estes sintagmas expõem a presença daquilo que Milner chamou de possível material, ou seja, algo que foi realizado ou pode ser realizado, mas que não é aceitável pela língua³², isto é, um “impossível de língua”. Fazemos uma ressalva a “um mula”, que, como já indicamos em nota de rodapé é uma estrutura possível da língua portuguesa, mas que na posição e no contexto que se encontra, assumindo uma conotação de um animal fêmea, não é aceitável pelos padrões linguísticos.

³² A língua dos linguistas, aquela passível de ser matematizada, uma língua focada no que é regular.

11 Décimo tipo de ocorrência

11.1 “Era uma vez um menina”

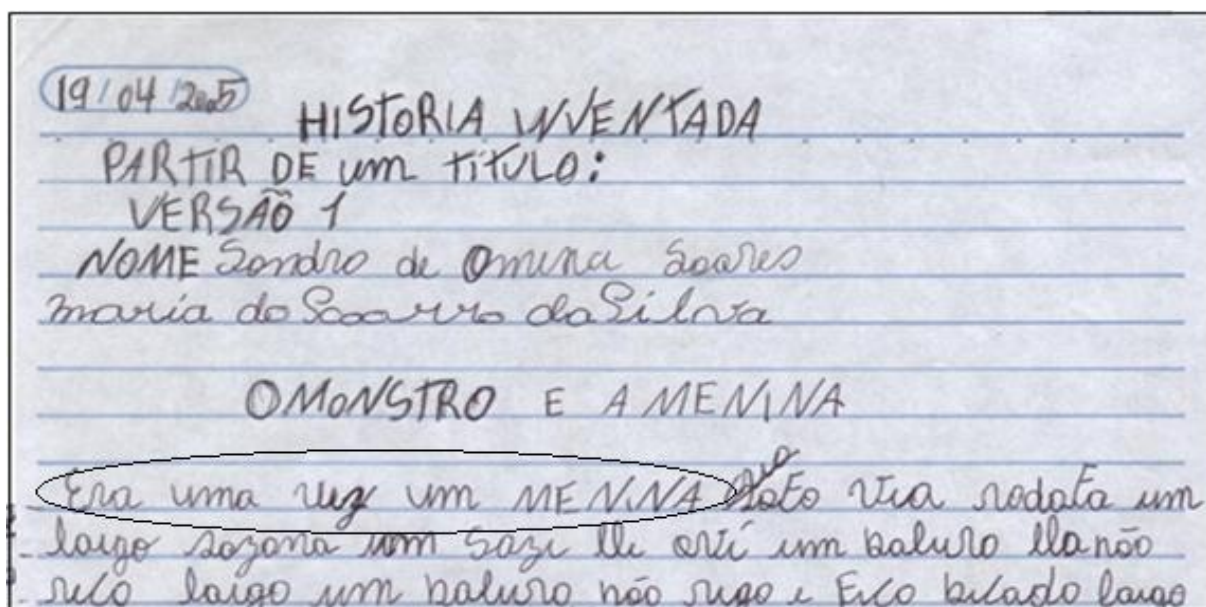


FIGURA 11: extrato do manuscrito 11.

Fonte: “O monstro e a menina” (Sandro e Maria do Socorro), 19/04/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 11: “O monstro e a menina” (Sandro e Maria do Socorro), 19/04/2005

1.	19/04/2005 HISTORIA INVENTADA
2.	PARTIR DE um TÍTuLo :
3.	VERSÃO 1
4.	NOME Sandro de Omena Soares
5.	Maria do socorro da silva
6.	
7.	O MONSTRO E A MENINA
8.	
9.	Era uma vez um MENINA ^{sa} saFo via rodaFa um
10.	laigo sazona um Sazi lle oví um baluro ela não
11.	rico laigo um baluro não rigo e Fico bicada laigo

12 Décimo segundo tipo de ocorrência

12.1 “um fatama um menina”

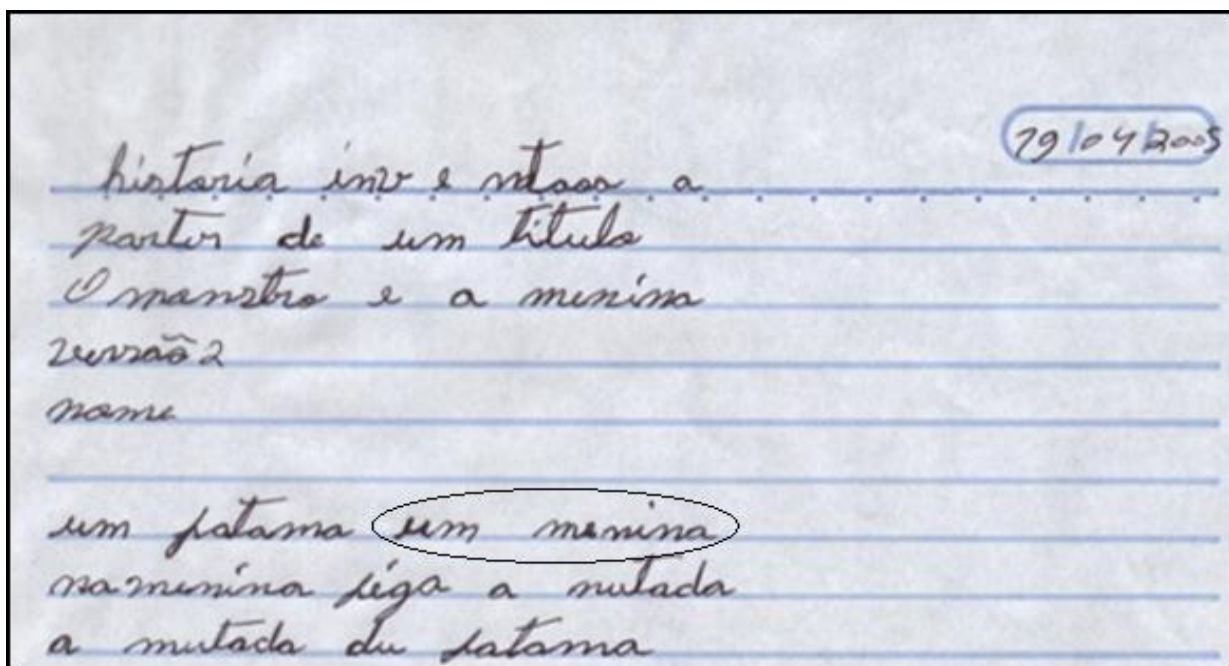


FIGURA 12: extrato do manuscrito 12.

Fonte: “O monstro e a menina” (Sandro e Maria do Socorro), 19/04/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 12: “O monstro e a menina” (Sandro e Maria do Socorro), 19/04/2005

1.	historia inv e ntada a	19/04/2005
2.	partir de um título	
3.	O monstro e a menina	
4.	versão 2	
5.	Nome	
6.		
7.	um fatama um menina	
8.	na menina fêga a nutada	
9.	a nutada do fatama	

No manuscrito 11, de Sandro e Maria do Socorro, e no manuscrito 12, de Edson e Pedro, histórias inventadas a partir de um título, produzidas pelas duplas no mesmo dia, evidenciam também uma instabilidade na construção de “sintagmas nominais” que formam o texto. Aqui, isto ocorre na escrita do “sintagma nominal” “um MENiNA”, linha nove do manuscrito 11, e no SN “um menina”, linha sete do

manuscrito 12. No manuscrito 11, há formas estabilizadas de sintagmas nominais: “uma vez”, “um Laigo”/um lago, “um baluro”/um barulho. Formas que apesar de a ortografia ainda não estar estabilizada, há sim concordância entre as partes que ajudam a compor o SN; bem como no manuscrito 12, que temos: “um fatama”, forma com a concordância estabilizada, e que, possivelmente exerceu seu poder, por meio de um deslizamento metonímico, sobre o sintagma “um menina”.

Porém, como já observamos em outros dados, principalmente não início das produções, os *scriptores* tendem a escrever sintagmas nominais que não atendem os parâmetros de concordância da língua portuguesa.

De início, na consigna da proposta, identificamos o “sintagma nominal” “um título”, copiado por Sandro e M^a do Socorro tal como foi escrito e/ou ditado pela professora, o mesmo se repete no manuscrito 12. O “um”, da formação do “sintagma” “um título”, metonimicamente, em ambos os manuscritos, também serviu de base para a escrita de “um menina”.

O cruzamento de cadeias manifestas, vistas/lidas/ouvidas de outros textos/contextos, com cadeias latentes que permeiam o processo de escrita, através do jogo que é estabelecido pelos processos metafórico e metonímico, faz surgir “sintagmas nominais” “imprevisíveis”, entre outros fenômenos, que desestabilizam com o estabilizado da língua.

13 Décimo terceiro tipo de ocorrência

13.1 “...Era uma vez, menino”

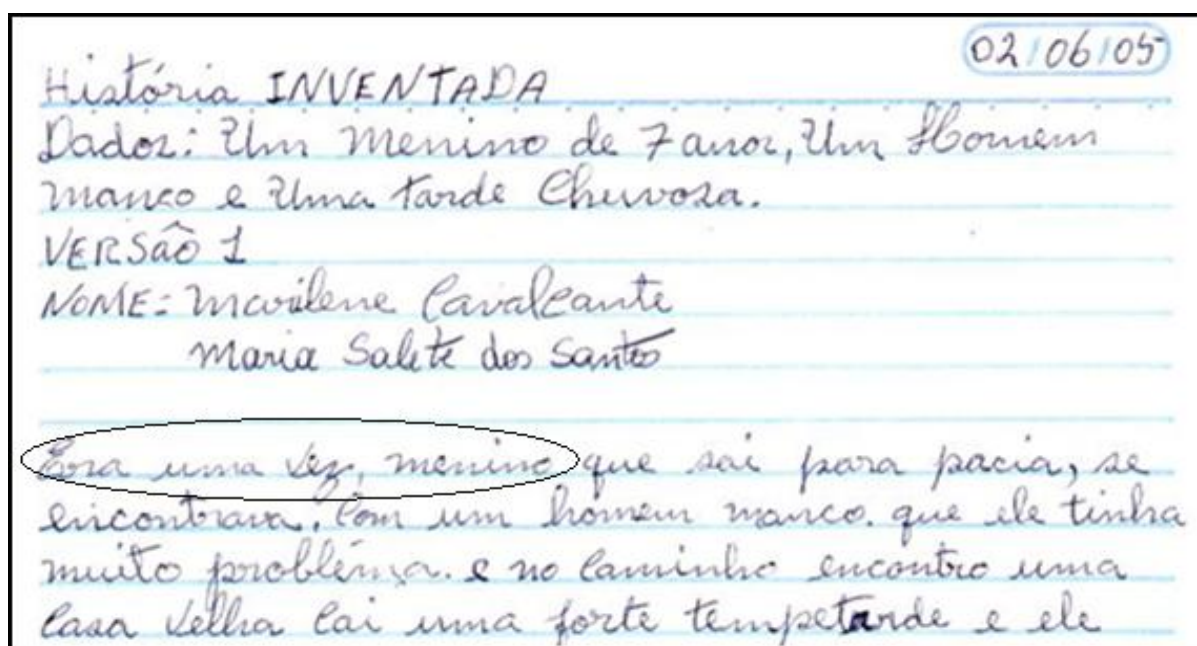


FIGURA 13: extrato do manuscrito 13.

Fonte: “História INVENTADA” (Marilene e M^a Salete), 02/06/2005.

Transcrição diplomática do manuscrito 13: “História INVENTADA” (Marilene e M^a Salete), 02/06/2005

1.	História INVENTADA	02/06/05
2.	Dador: Um menino de 7 anos, Um Homem	
3.	Manco e Uma Tarde Chuvosa.	
4.	VERSÃO 1	
5.	NOME: Marilene Cavalcante	
6.	Maria Salete dos Santos	
7.		
8.	Era uma vez, menino que sai para pacia, se	
9.	encontrava, com um homem manco. que ele tinha	
10.	Muio probléma. e no caminho encontro uma	
11.	casa velha cai uma forte tempetarde e ele	

Neste manuscrito, história inventada a partir dos dados: “um menino de 7 anos, um homem manco e uma tarde chuvosa”, a falta de um determinante / artigo indefinido masculino causa um efeito de estranhamento entre o substantivo “vez”, de “Era uma vez”, linha 8 do manuscrito, e o substantivo “menino” que vem a logo em seguida a “Era uma vez”. “Era uma vez, menino”, assim como nos dados 13 e 14,

parece ter sido formada pelo cruzamento de outras estruturas que permeiam os contos ficcionais, a saber: “era uma vez” e “era uma vez, menino”. Efeito metafórico que incide não somente com vocábulos, mas com estruturas mais complexas da língua.

Apesar de na consigna a professora já ter dado o “sintagma nominal” “um menino” pronto, podendo os *scriptores* apenas reproduzi-lo, na língua não acontece desta forma, a uma pressão de seu funcionamento que rompe com o previsível, fazendo assim que aquele que escreve nos surpreender, pois quando usou “um homem”, não deixou de empregar o artigo, deferente de “menino”.

5 PALAVRAS FINAIS, MAS NÃO AS ÚLTIMAS.

Este trabalho, análise de “sintagmas nominais” com quebra na sintaxe de “concordância nominal” em manuscritos de alunos jovens e adultos, propiciou-nos uma reflexão sobre o processo de aquisição de linguagem escrita por jovens e adultos recém-alfabetizados. Evidenciou-nos que, através da forma como este *scriptor* grafa as palavras e os encadeia em um “sintagma” pode, além de manifestar um “erro” ortográfico, ser um lugar de inscrição dele na língua.

A partir da aplicação do projeto didático “Contos de Assombração” em uma turma de EJA de uma escola pública da cidade de Maceió, foram coletados os manuscritos que serviram de base para esta análise. Histórias inventadas, reescritas e descrições foram produzidas pelos alunos, porém nos detivemos somente nas histórias inventadas. Verificamos que a aplicação do projeto didático permitiu aos alunos se apropriarem do gênero e, “consequentemente”, salvo as suas limitações, produzirem, ora apoiados ora não, os seus contos.

É fundamental no processo de ensino e aprendizagem, principalmente em séries iniciais, que se trabalhe com projetos didáticos em sala de aula. Além de contribuir para despertar a curiosidade dos alunos sobre os gêneros trabalhados em sala, auxilia no domínio e aprimoramento da leitura, que posteriormente será revertido para a escrita. E é na escrita que se trabalham as categorias linguísticas, entre elas, uma das mais difíceis de ser apreendida pelos alunos, é a “concordância nominal”. Por isso, seria importante que, a partir dos manuscritos, destes alunos fossem trabalhadas as regras desta categoria.

Na escrita da dissertação, decidimos, em primeiro lugar, discorrer sobre o “Sintagma Nominal”, já que foi através da sua composição que se manifestou o nosso objeto, “concordância nominal” com quebra em sua sintaxe. Assim, fez-se necessário entender o que se diz sobre esta categoria sintática, como se dá a sua formação e quais as possibilidades sintáticas que a língua reconhece enquanto parte dela.

Em seguida, realizamos uma discussão sobre pressupostos teóricos sobre o estudo da língua, seja à luz da linguística ou com base estudos em aquisição de linguagem. Destacamos, destas discussões, as realizadas por Calil e Felipeto sobre o “erro”, equívoco ou não, em manuscritos de escolares. Estes autores realizaram

uma reflexão sobre os dados dos escolares, e evidenciaram a ação de o funcionamento da língua na escrita destes alunos, sugerindo que estas ocorrências foram causadas pela “*alíngua*”.

A quebra de concordância em enunciados de manuscritos de jovens e adultos em processo de aquisição de escrita nos propiciou refletir sobre a relação singular que estes sujeitos têm com a sua escrita e com o próprio funcionamento linguístico-discursivo da língua. A falta de concordância deu-se entre os elementos que compõe determinados “*sintagmas nominais*”, em especial, aqueles formados por um determinante mais um nome.

O que nos intrigou foi a junção de vocábulos que a maioria dos *scriptores* fazia na hora de escrever o SN que compunha a clássica fórmula dos contos de fada “era uma vez”, junção esta que apresentava um determinante que não concordava em gênero com o nome a que provavelmente se referia. O mesmo fenômeno também ocorreu em outros sintagmas, não necessariamente somente nos que compõe a fórmula “era uma vez”.

Verificamos que em nossos dados, os escreventes encontram-se presos ao funcionamento linguístico-discursivo da língua, pois, ainda não reconhecem os seus próprios “erros”, já que, ora escreviam SN de acordo com o que Milner intitula como possível de língua, ora escreviam SN que representam o que o autor chama de possível material, ou seja, algo que não é permitido na língua, dos linguistas, mas que foi ou pode ser realizado por um sujeito.

O funcionamento linguístico-discursivo da língua agiu sobre as escritas destes sujeitos, entre outros casos, através da ação dos processos metafórico e metonímico, que colocou em disputa estruturas latentes para entrar na cadeia manifesta. Foi através destas disputas que geraram formas significantes com quebra na sintaxe de concordância em “*sintagmas nominais*”.

Consideramos esta pesquisa como sendo ainda as primeiras discussões sobre as questões relacionadas a escrita de jovens e adultos, ainda existe muito a ser pesquisado, seja a partir destes dados ou de outros. Consideramos que a concordância, verbal ou nominal, é uma categoria que dá margem a muitas pesquisas em linguística, e que foi através dela, que neste trabalho em aquisição de escrita, conseguimos lançar algumas interpretações sobre a relação dos *scriptores*, jovens e adultos, com a sua escrita.

Enfim, defendemos que nossos dados só vêm a corroborar com as pesquisas desenvolvidas no âmbito da aquisição de linguagem escrita pelo grupo de pesquisa ET&C, que reconhecem marcas da subjetividade na escrita desses sujeitos, e que por elas o sujeito se inscreve na língua.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2005.

AZEREDO José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. Redigida de acordo com a Nova Ortografia. : Publifolha, 2008.

BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Ministério da Educação. Brasília, 1997.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: ampliada e atualizada conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CALIL, Eduardo. Marcas de letramento: efeitos equívocos de um funcionamento. In: RIOLFI, Claudia Rosa (Org.). **Escola viva**: elementos para a construção de uma qualidade social. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

_____, Eduardo. **Escutar o invisível**: escritura & poesia na sala de aula. São Paulo: Unesp, 2008.

_____, D'efeitos d'a (Língua): o fenômeno linguístico "homotográfico". In: CALIL, Eduardo. **Trilhas da escrita**: autoria, leitura e ensino. São Paulo: Cortez, 2007.

_____; FELIPETO, Cristina. A singularidade do erro ortográfico nas manifestações d'língua. In: **Estilos da Clínica**, v.13, n. 25. São Paulo, 2008

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUBOIS, Jean et. al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cortez, 2006.

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FELIPETO, Cristina. Erro imprevisível: possibilidade esquecida da língua. In: CALIL, Eduardo. **Trilhas da escrita**: autoria, leitura e ensino. São Paulo: Cortez, 2007.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: objetiva, 2001.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

LEMOS, Cláudia T. **Corpo & Corpus**. In: LEITE, Nina Virginia de Araújo. **Corpolinguagem: gestos e afetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. Los Procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. In: **Substratum**, 1. Barcelona: Meldar, 1992, p. 121-135.

_____. **Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição de língua materna**, organizada pelo Insituto per la Richerca Scientifica e Tecnologica italiano em Povo, Treton. Mimeo, 1997.

_____. **Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação**. Cadernos de estudos linguísticos. Campinas: Unicamp, 2002.

_____. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição de Linguagem. In: LIER-DE-VITTO, Maria Francisca, ARANTES, Lúcia. **Aquisição, patologias e clinica de linguagem**. São Paulo: Educ, Fapesp, 2006.

MILNER, Jean-Claude. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PERES, João Andrade; Mória, Telmo. **Áreas críticas da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1995.

PERINI, Mário A. **Princípios de linguística descritiva**. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Estudos de gramática descritiva**. São Paulo: Parábola, 2008.

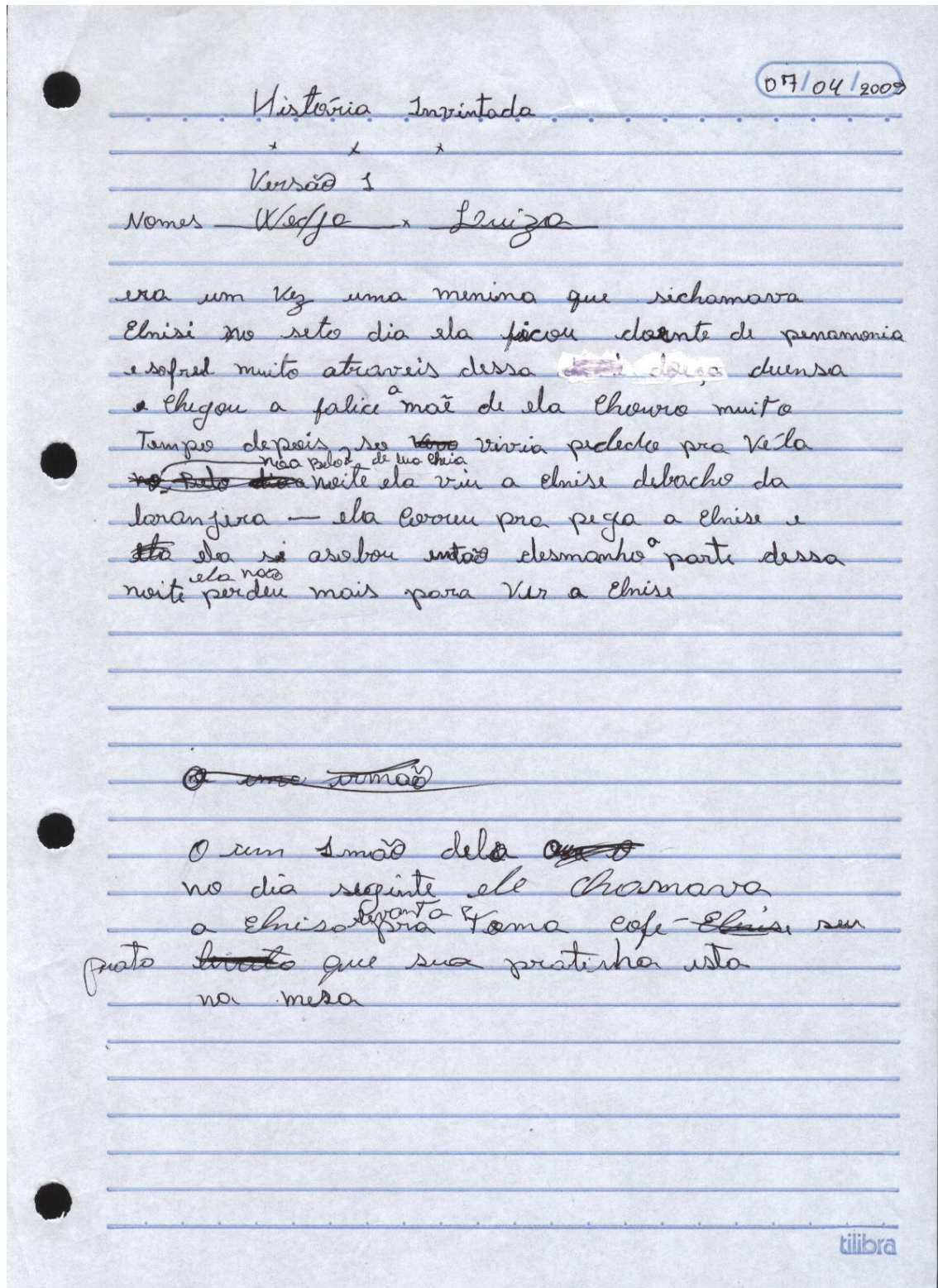
SAUSSURE, Ferdinand de Saussure. **Escritos de linguística de geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUTCHUK, Inez. **Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática**. Barueri: Manole, 2010.

ANEXOS

Anexo A: "História invintada".



Fonte: Wedja e Luiza, 07/04/2005.

Anexo B: "A casa do senhor malévolo".

Historia Inventada

A Partir de um título:

A Casa do Senhor malévolo

12/07/2005

Nome: Marilene Cavalcante Costa

Leni Maria da Silva Santos

1ª VERSÃO

Era um vez o homem bravo, na casa dele não chega ninguém, para conversa com a família dele, porque as vizinhas tinha medo casa dele, porque era mal senbrada. Senhor malévolo quebrava tudo casa ninguém se aproxima, porque ele era mal. Quando ele sai para rua as crianças corria, com medo e saia gritado muito, porque ele feio de mais. quando era meio noite virava papai feio, por isso que ninguém gostava dele, quando chega a noite, as vizinhas não deixava os filhos, sair para brincar com medo do homem mal.

lilibra

Anexo C: "O monstro e a menina".

19/04/05

O monstro e a menina

versão 1

Nome Marilene Cavalcante Costa
M^{te} Salete dos Santos

Era um ~~vez~~ um menina que tinha muito medo do monstro um dia a menina saiu da casa ~~e~~ ^{para} ~~ela~~ ^{passa} e se controi com um monstro e ~~ela~~ ^{ela} ficou muito assustada e saiu desajeitada ~~correndo~~ e gritando ~~socorro socorro~~ então uma pessoa ~~ag~~ ^{acadio} apareceu e socorreu ela e perguntou para ela ~~que~~ ^{que} tinha contido ela respondeu encontre o monstro muito feio e fique com muito medo dele

kilibra

Fonte: Marilene e M^a Salete, 19/04/2005.

Anexo D: “um menino de 7 anos”.

02/06/05

história Imortalada

dados: um menino de 7 anos, um homem
manco e uma tarde chuvosa
velozes 1

Luz

Sandro

um mínimo de 7 anos

o flautimorrel um menino que tá com a língua
pai aí o tavellando ele é a resina para isco
la

[illegible]

tiliora

Anexo E: “O lobisomem”.

HISTORIA INVENTADA LIVRE

Qsta: 13-09-2005

VERSAO 1

Nome: Londro → Elione

① lebesomen

Era um rei um cidade alado que molata
muito gente tira um Farita a ^{capdo}~~tudo~~ muito
^{coo} tira uma & casa ^{de} que ^{sua} ~~uma~~ cacaro e ^{Foi} ~~com~~
^{Poro} ~~foi~~ furulo sacaro e Foi Para Casa e ^{corno} ~~como~~ ^{caom} ~~camico~~
milo ~~mato~~ e Cumulo Foi Para Casa e como
coleza e Foi ~~mata~~ mata e mutaro mata e Cumulo
um a mico Foi cipedeio ma mata ~~molo~~ lalisomum
Foi monido e Cipera ~~mama~~ ~~mumoma~~ mumolo
O lelizomum matalo ~~mamoo~~ mufara colego
mamulo matalo O lelizomum ~~falso~~ comulo lora
O lelizomum e um sur terore meia noite focaria
bcava um telara

Anexo F: "Historia Inventada Livre".

Historia Inventada Livre

03/05/05

Em dupla

Versão 1

Rapaz que virava Sabisomena
Era vez um Rapaz muito bonito que
as pessoa diz que ele virava Sabisomena.
mas ninguém ~~se~~ acreditava que ele
corria bicho porque ele era muito bonito.

Ele era alto branco tinha os olhos
azul era de bom aparência cabelo ~~castanho~~
castanho e era muito gostoso e charmoso.

As pessoa achava ele bonito e não acreditava
que ele ~~virava~~ virava uma pessoa tão feia e
as pessoa fica muito assustada corria
de medo.

O nome dele Rapaz que virava
Sabisomena ~~se~~ se chama Carlos

Marilene Cavalcanti Costa
M^{re} Salete dos Santos

Kilbra

Anexo G: "História Livre".

historia livre

nome: Maria do Socorro Luiza Lopes Santos

1a versão

14/06/2005

Era ~~des~~ uma vez uma mulher
que trabalhava de manicure. um dia
a manicure cortou dos dedos da moça.
e foi uma torpedina. Ela ficou doída
logo ela morreu ai tempo depois
ela começou a falar os vizinhos,
pidendo ~~o~~ perdão. Ela se aparecia a
meia noite, mostrava as unhas
pingando sangue. o povo da cidade
chamava o padre. para afastar
o quele espírito mau. o padre veio
afastar a quella ~~em~~ uma penada.

O nome da personagem é
dona Guana

Anexo H: História inventada livre”.

História INVENTADA LIVRE

DATA: 13/09/2005

VERSÃO 1

NOME: Marilene Cavalcante Costa
femi maria da Silva Santo

Era o dia homem casado e tinha duas filhas. Ele pediu a mulher, quando ele morrer, colocar o violão dentro do caixão, dele porque ele se devota por que a ~~ela~~ família sofre quando filha, via um violão ^{por} chorava de mais, mas a mãe falo nunca, mais você vai ver o seu pai, eu vou parti para longe, dele por que não consigo viver ~~mas~~ quando olho para ^{minha} ~~casar~~ ^{caso} em ^{vida} ~~o~~ ^o ~~sandade~~ ^{são} dele. Sandade de mais.

Tai ~~parar~~ pariceu a filha em sonho e pediu por favor, ~~que~~ que ele não chora mais por ela dencha ele engrasar.

Anexo I: "a casa malasobada".

HISTÓRIA LIVRE

14/06/2005

NOME

VERSÃO 1a

a casa malasobada

era uma moça que trabalhava na casa de família e no vizinho a rondada, porque se ela estava na cozinha via a quem ~~se~~ lavando louça na copa se ela estava na sala via a quem tomando banho. ^{no banheiro} sem ter ninguém e no vizinho a cutada. um dia ela viu uma luz a azul ~~ou~~ ^{ou} em canto dela e ela saiu gritando ~~com~~ ^{com} socorro. e não voltou mais trabalhar nessa casa que era muito malasobada. ninguém conseguia trabalhar nessa casa. até que disse o dono da casa rezou e conseguiu um padre para limpar ^o a casa com odo. daí por fante todos tiveram paz. o dono da casa chamou Roberto.

Ivete Tenório dos Santos

Cicera Aureliana da Silva

ilibra

Anexo J: "mula seica besa".

03/05/2005

máscara

história imutada

Leitura em dupla versão 1

mula seica bera

era uma veia um mula que ^{copaxanau} ~~capaxa~~ ^{capano} capano
 pela na pade mudo i u pade mudo cabia
 que e um mula ^{que tipo que} ~~tudo~~ mira
 i u pade tia que seza toda mira 3
 feize adia i e besa que seze
 feize adia e be es que seze
 e i a ela viroa u ma mula e aia pade fico
 comedo e ai nae qui sa bedela

FIM

Edson

Lislane da Silva

tilibra

Anexo K: "O monstro e a menina".

19/04/2005 HISTÓRIA INVENTADA
 PARTIR DE um TÍTULO:
 VERSÃO 1
 NOME Sandro de Omara Soares
 Maria do Socorro da Silva

O MONSTRO E A MENINA

Era uma vez um MENINA que via rodado um
 lago sozinho um Sapo lá era um baluro lá não
 não lago um baluro não rugo e Fico bilado lago
~~que muito~~
 Fico Tadi da vi mato lá rodado por su casa e ruídos
 lá rato e tem um MONSTRO ~~que~~ Fero ela atuto e
 Caro ~~que~~ muito mato e apartado e corria para
~~que~~ mato e gitoria e corria comado e uma parido
 e conto ma Casa

O

tilibra

Fonte: Sandro e Maria do Socorro, 19/04/2005.

Anexo L: "O monstro e a menina".

79/04/2005

historia em e ntasa a
 parter de um titulo
 O monstro e a menina
 versao 2
 nome

um patama em menina
 na menina figa a mutada
 a mutada do patama
 ganera patadagacaga
 ridagade tadagata
 liga ru padela
 padela a rageni na um brigada
 tao na veno a zuda
 ela nigata pacu rubina
 re a rigada coma patadagata
 nece napata gaciginanabi na pata
 zina gera a nanudela figafeni

Edson
 Pedro

tilibra

Fonte: (Edson e Pedro), 19/04/2005.

Anexo M: "História INVENTADA".

02/06/05

História INVENTADA

Dados: Um menino de 7 anos, Um Homem
manco e Uma tarde Chuvosa.

VERSÃO 1

NOME: Marilene Cavalcante
Maria Salete dos Santos

Era uma vez, menino que sai para pacia, se
encontrava, com um homem manco. que ele tinha
muito problema. e no caminho encontro uma
casa velha lá uma forte tempestade e ele
parou por extia a tempestade ai encontro o
homem muito feio e fico com muito medo
porque o homem se manco era muito feio
o menino fico assustado porque ele tava
bastante desesperado porque este homem assustava
todas as crianças porque ele virava lobisomem.
o menino que se entrava com ele ficava
muito assustado por is qua as criança
não se dava muito bem com ele todos
menino corria com medo dele por que ele
era muito feio.

tilibra